

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
MESTRADO EM CIÊNCIAS DO MOVIMENTO HUMANO**

**ANÁLISE DAS INTERVENÇÕES PEDAGÓGICAS EM
PROGRAMAS DE INICIAÇÃO AO FUTSAL**

Mestrando: Rogério Da Cunha Voser

Professor Orientador: Dr. Ulf Georg Klemt

**ANÁLISE DAS INTERVENÇÕES PEDAGÓGICAS EM
PROGRAMAS DE INICIAÇÃO AO FUTSAL**

**Dissertação apresentada à Escola de
Educação Física da UFRGS como
requisito para obtenção do título de
Mestre em Ciências do Movimento
Humano.**

Março, 1998

FICHA CATALOGRÁFICA

V965e VOSER, Rogério da Cunha
 “Análise das Intervenções Pedagógicas em
Programas de Iniciação ao Futsal. / Rogério da Cunha
Voser. - Porto Alegre : UFRGS, 1998.
 114 f.

Diss. (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande
do Sul. Escola de Educação Física. Mestrado em Ciências
do Movimento Humano.

1. Futsal
2. Iniciação desportiva
3. Intervenções Pedagógicas
4. Modelo de Ensino I. Título

CDU 796.332.6

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha esposa Patrícia e minha filha Victória Cássia pelo apoio, carinho e compreensão durante todo este percurso difícil, onde deixei de estar por muitas ocasiões, em seu convívio.

AGRADECIMENTOS

- Ao meu orientador, Prof. Dr. Ulf Georg Klemt, o meu carinho por ter sempre acreditado no meu potencial, possibilitando-me o conhecimento de novos horizontes em minha vida.

- Ao professor, Dr. Mário Roberto Generosi Brauner, minha gratidão por tudo o que ele representou nesta caminhada. Agradeço suas orientações, o seu incentivo e, acima de tudo, a sua amizade.

- A todos os professores do mestrado que me elucidaram em momentos difíceis deste trabalho.

Destaco, em particular, os seguintes professores:

Dr. Aírton da Silva Negrine

Dr. Élio Salvador Praia Carravetta

Dr. Vicente Molina Neto

Dr. Francisco Xavier de Vargas Neto

Dr. Adroaldo Cezar Araujo Gaya

- A todos os meus colegas e funcionários da secretaria do Curso de Mestrado em Ciências do Movimento Humano.

- Mas graças a Deus que nos dá a vitória por nosso Senhor Jesus Cristo - I Coríntios 15:57.

HOMENAGENS

- Aos meus pais, Dagoberto e Lenira, perpetuadores da idéia de que o conhecimento é o único tesouro que não podem nos roubar e que, com humildade e perseverança, todos conseguem vencer seus obstáculos.

- Ao meu querido e póstumo avô que sempre me acompanha e ilumina em minhas caminhadas.

- A todos os meus familiares pelo incentivo e apoio incondicional.

“É melhor tentar e falhar,
Que preocupar-se e ver a vida passar.
É melhor tentar, ainda em vão,
Que sentar-se fazendo nada até o final.
Eu prefiro na chuva caminhar
Que em dias tristes em casa me esconder.
Prefiro ser feliz, embora louco,
Que em conformidade viver”.

Martin Luther King

SUMÁRIO

FICHA CATALOGRÁFICA	III
DEDICATÓRIA	IV
AGRADECIMENTOS.....	V
HOMENAGENS	VI
SUMÁRIO	VIII
INDICE DE ANEXOS	IX
INDICE DE TABELAS	IX
RESUMO	X
ABSTRACT	XIII
1. INTRODUÇÃO.....	1
2. REVISÃO DE LITERATURA.....	4
2.1. CONSIDERAÇÕES SOBRE O PAPEL CULTURAL, SOCIAL E EDUCACIONAL DO DESPORTO	4
2.1.1. - <i>O jogo antecipou-se à cultura</i>	4
2.1.2. - <i>O objetivo da competição esportiva e sua repercussão social</i>	5
2.1.3. - <i>Distorções de avaliação sobre a competição esportiva</i>	7
2.2. A PEDAGOGIA NO ENSINO DO ESPORTE E SUAS INTERVENÇÕES	10
2.2.1. <i>Modelos de Ensino Desportivo</i>	13
2.3. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DO FUTSAL	16
2.4. A INICIAÇÃO ESPORTIVA	19
2.4.1. <i>O que pensam alguns autores a respeito da iniciação ao Futsal</i>	24
3. INVESTIGAÇÃO.....	28
3.1. OBJETIVO.....	28
3.2. METODOLOGIA	29
3.2.1. <i>Características da Pesquisa</i>	29
3.2.2. <i>População e Amostra</i>	30
3.2.3. <i>Procedimentos</i>	30
3.2.4. <i>Instrumentos</i>	31
3.2.5. <i>Trabalho de Campo</i>	35
3.2.6. <i>Análise e interpretação dos dados</i>	36
3.2.7. <i>Limitações da Pesquisa</i>	36
4. OPERACIONALIZAÇÃO DA INVESTIGAÇÃO.....	40
4.1 OS INDICADORES.....	40

4.1.1- O Professor.....	40
4.1.2. - A Aula	41
5. A INICIAÇÃO AO FUTSAL: UMA ANÁLISE DA REALIDADE EM ESCOLINHAS DESPORTIVAS.....	49
5.1. O PROFESSOR.....	49
5.2. MODELOS EDUCATIVOS E DESPORTIVOS ADOTADOS	54
5.2.1. A Organização da Turma.....	54
5.2.2. Aspectos relativos à forma de ensino	60
5.2.3. Os Conteúdos	62
6. CONCLUSÃO	72
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	75
8. ANEXOS	80
9. TABELAS	98

SUMÁRIO DE ANEXOS

ANEXO 1: ROTEIRO DAS ENTREVISTAS	80
ANEXO 2 - GUIA DA ENTREVISTA	81
ANEXO 3 - ENTREVISTA N.º 1	82
ANEXO 4 - FICHAS DE OBSERVAÇÃO COM OS DADOS DEFINITIVOS DE CADA AULA DAS INSTITUIÇÕES	88

SUMÁRIO DE TABELAS

TABELA A - DISTRIBUIÇÃO TOTAL DE INTERVENÇÕES.....	98
TABELA B - GESTÃO DA DURAÇÃO DE AULA DOS DOIS DIAS DE OBSERVAÇÕES	98
TABELA C - MODELOS PARA REGISTRO DOS DADOS.....	99

RESUMO

A minha longa vivência esportiva como atleta, técnico e professor me trouxe importantes reflexões. Esta vida dedicada ao esporte e seu ensino tem me proporcionado muitas interrogações sobre o tema da Iniciação Esportiva, especialmente no que se refere aos princípios pedagógicos dos professores. Deste modo, procurando aprofundar meus conhecimentos, investigamos as Intervenções Pedagógicas em Programas de Iniciação ao Futsal na sua prática de ensino.

O objetivo geral deste estudo foi o de verificar, analisar e interpretar as intervenções pedagógicas utilizadas pelo professor nos Programas de Iniciação ao Futsal. Este objetivo geral veio se decompor em outros objetivos de caráter mais específicos como: identificar o perfil do professor que atua no Programas de Iniciação ao Futsal; identificar o modelo de desporto adotado dentro das diferentes instituições; identificar os conteúdos desenvolvidos durante as aulas e analisar os componentes afetivos que são manifestados pelos professores.

Nosso estudo é do tipo qualitativo e se caracteriza por uma pesquisa descritiva exploratória. Foram utilizados para a coleta de dados três locais previamente definidos: um Clube Social; um Projeto de Extensão e uma Escolinha Particular. A escolha destes locais justificou-se por abranger o universo diversificado de situações referentes ao local que estão acontecendo bem como aos fins propostos em cada programa

de iniciação. Todos locais dispunham de boas condições físicas e materiais. O pesquisador escolheu os professores de forma intencional, de acordo com suas disponibilidades de tempo e com seus interesses em fornecer subsídios para este trabalho. As sessões de aula observadas abrangeram a faixa etária dos sete aos doze anos, independente do sexo.

Os instrumentos utilizados em nossa pesquisa constaram de uma entrevista semi-estruturada e de observações feitas através de filmagens que foram registradas e, posteriormente, analisadas.

Os resultados das nossas investigações nos indicam a existência de uma pedagogia que privilegia um modelo de ensino tradicional, que promove o esporte através do treinamento dos alunos, transformando-o em trabalho e não lazer, tendo em vista o mais alto grau de desempenho.

Para finalizar, esperamos que o nosso estudo venha contribuir como fonte de discussão e esclarecimento de alguns dogmas que ainda persistem em nossa educação atual. Acima de tudo, esperamos que nossa investigação proporcione novas perspectivas aos profissionais da área e que os incentive a realizar mais pesquisas, visando a busca de metodologias alternativas que satisfaçam às necessidades e os interesses reais das crianças.

Palavras Chave: Futsal.Iniciação.Pedagogia

ABSTRACT

My long sporting existence as athlete, coach and teacher has brought me important reflections. This life dedicated to the sport and its teaching has proportioned to me many interrogations on the theme of the Sporting Initiation, especially in what it refers to the teachers' pedagogic principles. This way, trying to deepen my knowledge, we investigated the Pedagogic Interventions in Programs of Initiation to Futsal in its teaching practice.

The general objective of this study was it of verifying, to analyze and to interpret the pedagogic interventions used by the teacher in the Programs of Initiation to Futsal. This general objective was decomposed in another objectives more specific as: to identify the teacher's profile that acts in Programs of Initiation to Futsal; to identify the sport model adopted inside of the different institutions; to identify the contents developed during the classes and to analyze the affective components that are manifested by the teachers.

Our study has a qualitative nature and is characterized by an exploratory descriptive research. Three defined places were used previously for the collection of data: a Social Club; a Project of Extension and a Private School. The choice of these places was justified for embracing the diverse universe of situations concerning the place that they are happening and the ends proposed in each initiation program. All places had good physical and material conditions. The researcher has chosen the teachers intentionally and according to their availability of

time as well as their interest in supplying subsidies for this work. The class sessions observed was composed by an age group of the seven to the twelve years, independent of the sex.

The instruments used in our research consisted of a semi-structured interview and of observations done through filming that were registered and, later on, analyzed.

The results of our investigations indicate us the existence of a pedagogy that privileges a model of traditional teaching. The one that promotes the sport through the students' training, transforming it in work and not in leisure, aiming at the highest performance degree.

Finalizing, we hope our study comes to contribute as discussion source and elucidation of some dogmas that still persist in our current education. Above all, we expect that our investigation provides new perspectives to the professionals of the area and that it motivates them to accomplish more researches, seeking for alternative methodologies that satisfy the children's needs and real interests.

Key Words: Futsal. Initiation. Pedagogy

1. INTRODUÇÃO

Este estudo tem como objeto a modalidade esportiva do Futsal. A escolha deu-se a partir da vivência que desenvolvemos ao longo do tempo e que experimentamos através de sua prática. Dentro deste esporte, passei por muitas fases e executei diferentes funções. Comecei como jogador das categorias iniciais, após, fui instrutor, preparador físico e, atualmente, sou professor universitário em curso de formação de professores e técnico desportivo.

Minhas primeiras inquietudes apareceram logo depois de formado. Ainda atleta, comecei a trabalhar como instrutor de escolinhas de um projeto para menores carentes. Creio ter sido este um momento importante, pois tive a oportunidade de colocar em prática tudo aquilo que tinha aprendido tanto como atleta, como acadêmico de educação física. Contudo, ao me deparar com situações diferentes daquelas que já tinha presenciado e vivido, muitas vezes me questionava: - Não estaria eu repetindo o modelo que me apresentaram enquanto atleta? Estariam meus métodos e objetivos adequados à realidade do local e do grupo com que me propunha trabalhar?

Por causa destas dificuldades, resolvi partir para um estudo mais aproximado/aprofundado, ingressando para uma especialização em *Ciência do Futsal e Futebol de Campo*. Me sentindo um pouco mais

preparado, a nível de conhecimentos, decidi buscar oportunidade de atuação como docente. Nesta nova experiência, percebi que os acadêmicos encontram dificuldades quando tentam elaborar algum material de iniciação para o Futsal. A dificuldade mais evidenciada é a escassa quantidade e qualidade de bibliografia sobre o assunto, tendo o seu conteúdo basicamente destinado a analisar o Futsal como esporte de alto nível. Isto faz com que haja a necessidade de se pesquisar autores de outros desportos para adaptá-los ao Futsal. Cabe salientar ainda que, neste mesmo período, ministrando aula na cadeira de Futsal, utilizei como recurso pedagógico um estudo preliminar de observação de algumas Escolinhas de Futsal. Realizando a análise e discussão em aula, constatou-se que, no discurso, sua grande maioria visava a recreação e a sociabilização. Contudo, ao avaliar as sessões destas escolinhas, verificou-se uma exigência muito grande na execução correta da técnica durante os exercícios. Não estariam buscando a performance? O objetivo final seria em cima do rendimento gestual e de vitórias?

As observações destes indícios da realidade nos trouxeram grandes preocupações, haja visto que os nossos acadêmicos não estão equipados e nem preparados para produzir um trabalho embasado em métodos didáticos e pedagógicos.

Deste modo, com a oportunidade de ingressar no mestrado e de ter acesso a mais informações de cunho teórico da prática de ensino, resolvi, num primeiro momento, escrever um livro intitulado **Iniciação ao Futsal - Uma Abordagem Recreativa**, o qual serviu de instrumento inicial para que me encaminhasse a um estudo mais criterioso nesta área do conhecimento.

Com o objetivo de discutir o referencial teórico acima, a seguir, damos início à exposição de algumas opiniões e conceitos de autores a respeito do papel social, cultural e educacional do desporto.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1. CONSIDERAÇÕES SOBRE O PAPEL CULTURAL, SOCIAL E EDUCACIONAL DO DESPORTO

2.1.1. - O jogo antecipou-se à cultura

Os antropólogos demonstram que o jogo é anterior à cultura e, que por sua vez, é fator condicionado à existência da sociedade humana.

Já os esportes ou desportos são produtos da cultura, pois se subordinam à regras produzidas pela inteligência humana. Mas, o jogo em si é fruto do instinto, pois em sentido lúdico sempre constituiu atividade até mesmo entre os animais.

Os cachorrinhos “convidam-se” uns aos outros para brincar com o emprego de um certo ritual de atividades e gestos. Eles “fingem” ficar zangados, e o que é mais importante, “experimentam prazer e alegria”. Huizinga - antropólogo citado por Lyra Filho (1974), faz alusão ao fato de que os cachorrinhos brincam, jogando, com a participação de todos elementos essenciais do jogo aparelhado como divertimento dos seres humanos. Sabe-se que as “brincadeiras” dos cachorrinhos apenas constituem uma das formas simples de jogo entre os animais; outras existem, bem mais complexas.

As crianças também brincam desde a mais tenra idade. Evidentemente, os jogos infantis e os jogos dos animais não revelam

marcas e cultura, embora traduzam alguma coisa mais do que simples atividades mecânicas.

A esse respeito, Lapierre e Aucouturier (1986), colocam que é através desse jogo, com os objetos e numa dialética permanente entre o eu e o mundo, que a criança descobre que seu corpo é meio de ação, intermediário e obrigatório entre ela e o mundo.

Estes exemplos práticos, que podem ser notados facilmente no dia-a-dia das pessoas, comprovam que o jogo antecipou-se à cultura e com esta coexiste sem mudanças acentuadas. Convém acrescentar que as sociedades primitivas valiam-se de sua existência e o utilizavam até mesmo para o sustento dos cultos e ritos sagrados nas provas de sacrifício ou nas horas oferecidas às consagrações. As sociedades primitivas, através do mito e do culto, onde os jogos sempre estiveram presentes, tiveram origem nas grandes forças instintivas da vida civilizada - o direito e a ordem, o comércio, a indústria, a arte e a própria ciência.

Bolkestein, citado por Lira Filho (1974), afirma:

“As competições de todo o gênero desempenham um papel de tal modo importante na cultura grega e na vida cotidiana de todos os gregos que pode parecer excessiva ousadia a pretensão de classificar como jogo uma parte tão grande da civilização grega”.(pag.16)

Hoje em dia, de acordo com Lima (1981), podemos reconhecer em todas as sociedades a existência da atividade esportiva

que, independente das forças assumidas, se revela como um contexto social em que o comportamento humano persiste em expressões que se integram na cultura da humanidade e na cultura dos povos.

Costa (1993), diz que o desporto atual, herdeiro longínquo das mesmas estruturas míticas dos jogos primitivos, embora expurgados de toda significação religiosa, tem em si a capacidade de fazer sair o homem da banalidade da sua vida quotidiana, para lhe permitir viver experiências que podem ser portadoras duma significação antropológica profunda.

Segue o mesmo autor dizendo que, numa linguagem originária, a dos símbolos e dos mitos, o desporto fala-nos do homem desde as suas origens até à realização do seu destino.

Analisando a importância do esporte como área de estudo social, Synder e Spreitzer (1978) apud Cavalcanti (1984), admitem que essa forma de linha de pesquisa contém potencial não só para evidenciar os mitos sobre o mundo do esporte, mas também para contribuir para melhor compreensão e conhecimento do comportamento social humano.

Podemos assim concluir dizendo que o desporto nos ajuda a descobrir a imagem do homem integral, apresentando-se assim como uma revelação sobre o que no homem é universal e eterno.

2.1.2. - O objetivo da competição esportiva e sua repercussão social

Lima (1981) relata que o comportamento dos desportistas reflete, em muitos pormenores, o significado sócio cultural atribuído às

atividades físicas desportistas de seu país. Estas atividades físicas podem servir de base para saúde, testemunho de progresso social, preparação para vida, reprodução da força de trabalho, meio de educação e valorização do homem.

O objetivo da competição esportiva (ou desportiva), em oposição do que possa caracterizar-se no jogo lúdico, não é apenas a vitória na competição, mas o que possa traduzir a vitória em termos de substância sociológica ou cultural. A supremacia conquistada com a vitória enseja aplausos, ovações, manifestações de regozijo, comentários favoráveis na imprensa; enfim, uma série de conseqüências de ampla repercussão social.

Constantino (1993), ao falar sobre um novo paradigma do desporto, afirma que a passagem das “sociedades do trabalho” para a “sociedade do trabalho, do lazer e da cultura”, coloca a utilização social do “corpo” na primeira linha das práticas culturais do uso do tempo livre. O direito do indivíduo a se exprimir através do corpo, utilizando as técnicas desportivas, aumentou as possibilidades materiais e temporais para a sua prática. O tempo livre suscitou uma explosão de exercícios corporais desportivos e extra-desportivos, orientados para o rendimento desportivo, para o puro hedonismo, para o desejo de aventura ou para o simples bem estar geral.

Segue o autor colocando que estas práticas têm conseqüências em vários planos:

- valorização da pessoa;
- valorização das relações com os outros;
- valorização das relações com a natureza.

Maheu (1985), ao relacionar o desporto e educação, nos diz que o desporto é um fator de equilíbrio no desenvolvimento geral da pessoa. Equilíbrio entre o espírito e o corpo, entre a afetividade e a energia, entre o indivíduo e o grupo.

Lüschen e Weis (1976) citam alguns objetivos típicos da educação social que se enumeram em um catálogo de didática desportiva. Entre eles, são citados a independência e confiança em si mesmo, voluntariedade, ambição, autodomínio, disciplina, companheirismo, sentido social e responsabilidade.

Teodorescu (1984) enfatiza que o conhecimento e a prática do desporto constituem atos de uma cultura desportiva - tal como a cultura física - e representam domínios da cultura material e espiritual universal. Ao mesmo tempo, o desporto constitui um excelente meio de educação geral e multilateral característica do mundo contemporâneo.

2.1.3. - Distorções de avaliação sobre a competição esportiva

Apesar de termos explicitado todos os benefícios que o esporte e a competição são capazes de possibilitar ao ser humano, em muitos casos estes são deturpados quando a sua prática visa prestígio social ou quando seus rumos são alterados pelas influências políticas e econômicas e culturais.

Sabe-se que, na famosa fábula da lebre e da tartaruga, o papel de herói foi atribuído ao mau jogador que venceu a corrida graças a uma fraude.

Os desportos também não se livram dessas distorções entre os povos culturalmente primários que chegam a apelar à forças ocultas, às crendices e a outros subterfúgios, visando o êxito a qualquer custo.

Torna-se óbvio que os desportos não poderão revelar a totalidade de seus atributos se aqueles que os praticam ou dirigem, por insuficiência de cultura, não tiverem condições para dignificá-los.

A medida que uma civilização vai se tornando mais complexa, ampliando-se os fatores e desenvolvimento orgânico da cultura com incremento das técnicas de produção, as mudanças de vida social, dos sistemas de pensamento e conhecimento, das doutrinas e normas de conduta (inclusive desportiva), a referida cultura irá adquirindo lastros cada vez mais diversos e, por conseqüência, ainda mais representativa será, dentro dela, a função social dos desportos.

Não há duvida que, na atualidade, os desportos representam uma salutar válvula de escape para as tensões do dia-a-dia. A terapêutica dos desportos tempera a crônica tensão da vida moderna, sociológica e psicologicamente densa.

Para Daiuto (1974), o esporte contribui para um harmonioso desenvolvimento físico dos jovens, prepara-os psicologicamente para o esforço, ajuda-os em seu equilíbrio físico e psíquico, participa da formação da sua vontade, de seu caráter e favorece a adaptabilidade social.

O autor ainda nos afirma que o esporte bem orientado e dirigido, ou seja, o esporte-lazer ou esporte-jogo ou esporte para todos permite-nos educar através do físico, pois como agente fundamental da

Educação Física, à qual está integrado, ele empresta colaboração direta e preponderante à obra educativa geral.

No desporto competitivo, levado a sério, são atraídos potenciais de tensão constante. A influência sociológica, os aspectos culturais e educacionais, transparece nitidamente, antecipando-se à competição, até mesmo como se esta constituísse um treinamento para o sucesso das tarefas que o jovem haverá de enfrentar e cumprir ao longo de sua vida. Continuando, Daiuto (1974), diz que as competições desportivas predispõem os jovens às lutas que os esperam, com o proveito de um preparo composto de lances parecidos com aqueles outros que se renovarão no seu empenho de realizar-se socialmente. Então, pondo em jogo os atributos que amanhã aplicará em provas decisivas para o seu destino, o jovem estará adestrando suas aptidões e armando o poder do autocontrole necessário ao êxito de suas lutas no estádio amplo da vida.

Lüschen e Weis (1976), acredita que quanto mais profissional o desporto, quanto mais se coloque ênfase na vitória como meta do esforço esportivo frente aos meios que se consegue, quanto mais importante sejam as conseqüências econômicas ou de outro tipo de conquista, tanto maior será a probabilidade de que as regras do desporto sejam violadas em benefício de outros interesses.

De acordo com Constantino (1993), não é mais possível entender o desporto como a procura exclusiva de rendimento desportivo, traduzido no recorde, na marca ou na vitória. Por isso, os seus referenciais não residirão mais apenas no campeão, no talentoso, no fora de série ou no medalhado. Residirão sobretudo nos indivíduos. O

desporto do futuro será o desporto dos cidadãos. Um desporto construído à medida de cada um, medida dos sexos, da forma física, das motivações, da promoção da saúde, da defesa do meio ambiente, da solidariedade social, da descoberta da expressão através do movimento, da libertação do corpo, do sentido de aventura, do prazer de jogar, mas também do gosto de competir. Por fim, afirma que devemos considerar que não estamos perante uma moda passageira, mas perante sinais inconfundíveis de uma transformação profunda da consciência cultural e desportiva contemporânea.

Na nossa visão, acreditamos que para o esporte assumir e se caracterizar pela educação e formação, ele deve utilizar uma pedagogia e intervenções voltadas para o interesse e participação intensa da criança em todo processo. Assim, com o intuito de seguir analisando os referenciais acima, abordaremos, no próximo capítulo, aspectos importantes relacionados à pedagogia no ensino, suas intervenções e modelos de ensino desportivo.

2.2. A PEDAGOGIA NO ENSINO DO ESPORTE E SUAS INTERVENÇÕES

Telema (1986) afirma que, para orientar o processo de aprendizagem dos desportos, temos que ter em mente que a atividade esportiva por si só não educa; seus efeitos educativos dependem da situação na qual se cria especialmente em relação aos aspectos de interação social, ao clima afetivo-emocional e motivacional existentes.

Estas condições dependem de diversos fatores, entre os quais um deles nos parece fundamental: a intervenção do educador.

As principais tendências pedagógicas que são expressas no âmbito da educação formal, segundo Balbinotti (1997: p.86), podem ser denominadas e definidas operacionalmente como reprodutivas, tradicionais e construtivistas. A concepção reprodutivista (tradicional) é aquela que prioriza as capacidades intelectuais, situando-as como primeiro e mais relevante objetivo na formação do homem. Seus procedimentos didáticos enfatizam processos normativos que visam uma rígida disciplina. A tônica desta concepção educativa é uma exposição de conhecimentos por parte do professor, dirigidos a educandos ouvintes e passivos; bem comportados e estáticos.

Para o mesmo autor, a concepção construtivista pressupõe estratégias de intervenção pedagógica manifestadas através da integração entre educação intelectual e corporal e de um conceito de autoconstrução; ou seja, o processo de elaboração do conhecimento se dá a partir da participação e intervenção ativa do indivíduo em todas as atividades de aprendizagem. A complexidade do processo da construção do conhecimento exige que o professor exerça o papel de agente estimulador destas relações de interação onde o indivíduo passa a ser um agente ativo.

Para Shigumov (1993), a prática pedagógica é um problema central da ação educativa para todos os contextos sociais e fatores envolvidos, quer em nível da intervenção pedagógica, ou do conteúdo, ou da relação.

A capacidade de intervenção pedagógica, como afirma Carreiro da Costa (1988), citado por Shigumov (1993: p.16), “é não só uma realidade desejável como imprescindível, ela só ganha verdadeiro sentido pedagógico quando exprime uma metodologia de ensino consentânea com as características da atividade humana”. Com esta maneira de visualizar, não se determinou o lado da intervenção, pois o próprio ensino também deverá respeitar muitas das características que são próprias ao fenômeno da atividade educativa.

Ao abordar a relação professor-aluno, para Bordenave e Pereira (1983), o problema reside no fato de que não contamos ainda com suficiente conhecimento de teoria e pesquisa para saber quais são as características pessoais que mais influem sobre a aprendizagem e de que maneira o fazem.

Enquanto não forem estudados e evidenciados os aspectos mais preponderantes da intervenção pedagógica do professor, tanto nos aspectos instrucionais como nos afetivos, devemos entender que a relação pedagógica não será promovida, nem concretizada com toda a sua força formativa.

As novas tendências pedagógicas para a Educação Física Infantil, visam, hoje, proporcionar à criança experimentar várias possibilidades de movimentos corporais a partir de sua criatividade e auto construção. Nesta abordagem, a criança participa intensamente das decisões de todo o processo educativo.

A educação a ser exercida pelo professor, segundo Finger (1971), deverá obedecer a uma pedagogia e a uma metodologia que,

além de permitir a solução e a previsão de situações decorrentes da aprendizagem e da prática do jogo, respeitem os interesses da idade.

Em função destas diferentes percepções de possibilidades pedagógicas, procuro delimitar o marco teórico de meu estudo baseado em dois enfoques, sob modelos de ensino desportivo, que abordaremos a seguir.

2.2.1. Modelos de Ensino Desportivo

Embora saibamos que existem vários modelos de ensino, optaremos pela análise daqueles que prevalecem nos programas de iniciação ao futsal e que consideramos mais úteis para a presente investigação. Portanto, dando seguimento aos objetivos de nosso estudo, decidimos utilizar a classificação de Heinila sobre o processo de ensino em Educação Física. Tal classificação é utilizada a posteriori no Brasil por Ferreira (1984), onde a autora elabora e acrescenta indicadores e referenciais para um esquema conceitual, denominado matriz analítica, afim de realizar uma crítica a realidade do ensino da Educação Física Infantil.

Para esta autora, o modelo de reprodução em Educação Física é caracterizado pela atitude acrítica, tanto da realidade interna constituída pelas experiências que o aluno adquiri, quanto das condições econômicas, sociais e culturais que constituem a realidade externa. Nele, o esporte é valorizado como paradigma ideal de educação, reproduzindo os padrões sociais da classe dominante. Neste sentido, os objetivos educacionais servem para conservar e reforçar as diferenças entre as

classes sociais. O modelo de reprodução também assume o esporte como foco do sistema de ensino e tem como fonte de informação as técnicas, as habilidades esportivas e o conhecimento dos mecanismos psicofisiológicos do treinamento desportivo. Sua fonte de normas e sanções provém da performance e das vitórias desportivas, das competições e classificações por desempenho. O professor é visto como o controlador de atividades, treinador e técnico, preocupado em fazer do aluno um atleta em potencial, ou seja, seu objeto de treinamento. As metodologias empregadas têm sua referência em modelos ideais de execução, predominando procedimentos diretivos. Por fim, com relação ao critério de avaliação, há um predomínio de caráter somativo.

Sob um outro enfoque, para a autora o modelo de transformação é caracterizado pela atitude de reflexão da realidade, modificando a percepção que o indivíduo tem de suas experiências e do mundo que o cerca. Nesta perspectiva, a Educação Física é sempre um processo realimentado pela prática consciente dos sujeitos numa concepção dialética sobre a realidade desportiva, favorecendo a aprendizagem e a avaliação dos resultados. Deste ponto de vista, o professor explora situações de conflito que levam o aluno a perceber a realidade de forma múltipla e a si mesmo como agente desta realidade. Assim, o foco do ensino é o educando, capaz de decifrar o mundo que o cerca. A perspectiva de transformação tem como fonte de informação o conhecimento funcional da natureza do homem e como fonte de normas e sanções um amplo processo de negociação com as crianças, partindo de seus interesses, necessidades e motivações. Deste modo, seria possível articular um sistema de disciplina intrínseco ao processo. O

professor, dentro deste enfoque, é visto como um facilitador e orientador das atividades, sempre preocupado em estimular uma participação maior e mais consciente dos alunos em todos os níveis do aprendizado. As metodologias empregadas têm um caráter mais ativo e estimulante; utilizam procedimentos diversificados, dirigidos a motivar os diferentes níveis de aspiração dos alunos, com um predomínio dos processos indiretos de ensino (iniciativa centrada no aluno). Finalmente, com relação ao principal critério de avaliação, haverá uma ênfase sobre a avaliação do tipo formativa, ou seja, a preocupação existente é a de possibilitar informações qualitativas em relação ao domínio e não aos objetivos, dispondo para ele a devida colaboração e participação crítica do próprio aluno.

Como exemplo se pode citar, mais especificamente, no que se refere aos programas de iniciação esportiva, Brauner (1994), que desenvolveu seus estudos baseados nestes dois modelos de prática pedagógica. Em seu trabalho identifica o perfil do professor com espectro diretivo, onde suas ações baseavam-se numa prática completamente autoritária, centralizadora, ainda que suas idéias expressas nas entrevistas mostrassem um desejo de proporcionar ao aluno uma prática pedagógica mais aberta ao interesse do mesmo.

Os modelos citados por Heinila e Ferreira auxiliaram os estudos de Brauner (1994) a detectar as ambigüidades entre as idéias e ações educativas dos professores. Este estudo me trouxe grande inspiração, na qual marcou as pautas do trabalho que realizei, na expectativa de ampliar não só o meu conhecimento, mas também abrir novos horizontes pedagógicos. Neste sentido, a partir dos estudos de

Brauner e da confrontação da minha realidade, se estabelece um plano de estudo que pretende, fundamentalmente, responder à seguinte pergunta:

Como se dão as intervenções pedagógicas em programas de iniciação ao Futsal?

2.3. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DO FUTSAL

A exemplo de vários outros esportes, discorrer sobre a origem do futebol de salão é percorrer um labirinto cheio de interrogações, muitas vezes, sem respostas precisas à falta de documentos esclarecedores. Tudo isto faz com que haja uma grande polêmica entre os estudiosos e autores sobre a origem do futebol de salão.

Autores como Teixeira (1996) e Figueiredo (1996), entre outros, atribuem ao Brasil o nascimento do futebol de salão. Já Zilles (1987), Lucena (1994) e Apolo (1995), nos afirmam ser o Uruguai o criador deste esporte. A dúvida reside no fato de que não se sabe se foram os brasileiros que, ao visitarem a ACM de Montevideú, levaram do Brasil o hábito de jogar futebol em quadras de basquete; ou se foram os brasileiros que conheceram a novidade ao ali chegarem e, ao retornarem, difundiram a prática em território nacional.

Não sendo o intuito deste trabalho a descoberta do real precursor do futebol de salão, a seguir, você pode acompanhar cronologicamente os principais fatos que marcaram a história do nosso futebol de salão.

O Futebol de Salão nasceu nos anos 30 e foi criado na Associação Cristã de Moços de Montevideu, Uruguai.

As inúmeras conquistas que o Uruguai obteve na época, fizeram do futebol o esporte mais praticado naquele país; tanto por crianças como por adultos. Conseqüentemente, faltavam espaços e campos para a prática do futebol. A solução encontrada foi a de improvisar locais menores como quadras de basquete e salões de baile. Contudo, já que tal espaço era muito menor do que um campo de futebol, foram necessárias algumas modificações no seu modo de jogar.

Por volta de 1933, foram redigidas as primeiras regras, fundamentadas no futebol, basquete, handebol e pólo aquático.

Neste período, por ocasião de um curso no Uruguai, patrocinado pelo Instituto Técnico da Federação Sul Americana das ACM's, cópias destas regras foram distribuídas a todos os representantes da América do Sul.

Já por volta de 1942, o Futebol de Salão havia conquistado a simpatia de todos. O que era, inicialmente, exclusividade das crianças passou a ser o preferido dos adultos.

Entre os adultos, o gosto pelo Futebol de Salão era tanto que passou a ser um problema disciplinar na maioria das ACM's da América do Sul, a ponto de, na Conferência dos Diretores de Educação Física das ACM's Sul-americanas, ser recomendado que o Futebol de Salão fosse limitado à prática somente de menores. A ACM de São Paulo foi a única que continuou com o Futebol de Salão em seu programa para adultos. Sem dúvida deveu-se à ACM de SP a divulgação deste esporte, especialmente para os adultos, conforme palavras encontradas nas

primeiras regras divulgadas em Abril de 1950 pelo Depto. de Ed. Física daquela entidade.

Na década de 50 são dados os primeiros passos para a institucionalização do esporte com a criação da primeira federação.

Em março de 1958, a então Confederação Brasileira de Desportos (CBD) oficializou a prática do Futebol de Salão no país, fundando o Conselho Técnico de Futebol de Salão, tendo as federações estaduais como filiadas.

A partir da década de 80, começaram os primeiros campeonatos Pan-americanos e mundiais, saindo o Brasil como vencedor.

A década de 90 representa a grande mudança no de Futebol de Salão. Da fusão do Futebol de Cinco (praticado pela FIFA) com o Futebol de Salão (praticado pela FIFUSA) surgiu o FUTSAL. O Futsal, procurando modernizar-se, alterou as regras nos anos de 1991, 1992 e 1994.

Atualmente, o Futsal é o esporte que possui o maior número de praticantes no Brasil. No mundo, são mais de 70 países que o praticam em quatro continentes, tendo como destaque o Paraguai, Espanha, Portugal, Itália e Austrália.

A difusão deste esporte fez com que a sua penetração na sociedade fosse de grande alcance. Em nossa prática, notamos que o futsal praticado pelas crianças em escolas, clubes e, principalmente, em programas de iniciação, onde se dá toda a base do esporte, se iguala muito ao modelo de esporte de competição institucional. O aluno aspira

o perfil do campeão e atleta; o professor, deixa de ser o disciplinador e busca a figura do treinador.

Percebemos, então, o importante papel da iniciação esportiva na formação da criança e nos propomos a aprofundar o nosso estudo em alguns conceitos de autores relacionados com esta abordagem.

2.4. A INICIAÇÃO ESPORTIVA

Antes que façamos uma abordagem mais direcionada ao Futsal, é importante que realizemos um apanhado mais aprofundado da iniciação esportiva por alguns estudiosos que desenvolvem trabalhos nesta área, para que, a posteori, possamos de alguma forma fazer correlações com a bibliografia do Futsal.

Para Ferreira (1978), iniciar significa ministrar as primeiras noções. O autor utiliza palavras como: enfronhar, principiar, inteirar. Indo mais adiante com o mesmo autor, buscou-se o conceito de iniciação, que significa segundo ele o ato de iniciar, ou seja, momento de receber as primeiras noções de coisas desconhecidas.

Segundo Rochefort (1985), percebe-se claramente a existência de pelo menos três conceitos diferentes predominantes, dentro dos quais podemos localizar a atuação dos professores dentro da Iniciação Esportiva.

O autor refere-se a um primeiro, que chamam de iniciação esportiva, voltado para a aprendizagem esportiva baseado na

movimentação técnica específica de algum desporto. Fundamenta-se em que a criança deva ter adquirido na escola os padrões motores fundamentais e assim, quando ingressarem nas escolinhas desportivas, estariam aptas à prática. É a linha onde se coloca o esporte e a criança em igualdade. Um segundo, que preconiza uma formação mais ampla e abrangente, com atividades corporais multivariadas e com uma abertura para a introdução da criança em mais de uma modalidade esportiva. E, por último, um conceito que preconiza a aprendizagem técnico-tático de determinado desporto dentro de suas regras e aplicações. Este considera o desporto acima da criança, de suas possibilidades e potencialidades.

Incarbone (1990) relata que a iniciação esportiva é o período no qual inicia, de forma específica, a prática de um ou mais esportes. É a continuação da força motriz geral.

Para Lima (1981), a iniciação esportiva deverá obedecer a um programa variado e adequado às idades. Compreende a um leque etário de 8 a 10 anos, podendo ocorrer em idades vizinhas, dependendo do estágio de maturação individual da criança.

Também ao abordar este assunto, Chaves (1985) observa que a criança tem uma maneira bem particular de encarar o esporte. Segundo ele, a estrutura mental da criança não está preparada para aceitar as atividades demasiadamente sistemáticas, regras rigorosas, ou imposição de treinadores.

Trece (1896) apud Cordeiro e Rochefort (1991), diz que, na iniciação esportiva, as atividades devem ser voltadas principalmente para a utilização do próprio corpo, com regras simples, sem caráter essencialmente competitivo. Devem ser jogos de forma estrutural que

ofereçam condições tais onde a criança, bem orientada, receba melhor estímulo para que possa desenvolver uma estruturação psicológica em sua formação.

Nesse sentido, Capinussú (1985), mostra-se preocupado com o hábito de se aproveitar ex-atletas como orientadores de escolinhas, e até na iniciação esportiva. Diz que isto funciona como “chamariz” e que o aspecto agrava o problema da má formação do jovem desportista.

Em relato no livro Futebol: Desafio dos Anos 90, Klemt (1990), afirma que a infância é a melhor fase para a aprendizagem motora, na qual devem ser colocados os fundamentos da técnica do futebol. Porém, isso deve ser feito com a devida moderação, na base de brincadeiras e pequenos jogos. Não se deve forçar uma situação, nem tampouco perder a oportunidade de ensinar nesta fase propícia.

Referindo-se à iniciação desportiva, Nagi (1983), nos mostra uma preocupação com a descoberta de talentos quando fala que: na pouca idade da criança, podemos observar que ela não tem auto-controle para seguir certas normas exigidas pelo aprendizado. O professor deve saber o tempo exato em que a criança mostra interesse pela prática do esporte, sem ser forçado a fazê-lo, prejudicando a sua parte físico-psíquica.

Por outro lado, ao abordarmos a especialização precoce, que tem princípios diferentes dos que a iniciação esportiva propõe, autores como Cavalcanti (1984), Molina, Evaristo Macedo e Monteiro (1990), em seus relatos no livro Futebol: O Desafio dos anos 90, mostram-se preocupados com este tipo de trabalho realizado com as crianças.

A especialização esportiva, para Cavalcanti (1984), é a consequência mais direta do princípio de rendimento aplicado ao esporte. O indivíduo total será dividido, ou seja, transformado numa engrenagem automática de um trabalho parcial para atender às exigências do sistema esportivo.

Evaristo Macedo (1990), diz que o futebol, fruto da criação e imaginação, é aquele que acontece na rua. Hoje, quando a criança frequenta clubes e escolinhas, já aprendendo o esporte segundo a rigidez das normas, ela perde espontaneidade. Constata ainda o treinador que daí decorre parte do decréscimo na qualidade técnica do jogador brasileiro.

Finalizando o seu relato no livro Futebol: O Desafio dos anos 90, Monteiro (1990), enfatiza a necessidade de um acompanhamento global aos pequenos atletas com respeito às fases do desenvolvimento, mudando-se a visão de que estes jogadores são mercadorias.

Molina (1990), ao abordar este tema mostra-se preocupado com a estereotipação de um modelo esportivo baseado unicamente no mito e na performance esportiva.

Também nas observações feitas em seus estudos relacionados à precocidade da prática desportiva, Lima (1970), observa que, na maioria das vezes, os professores levam as crianças a participar de competições, atendendo a objetivos próprios e não dos alunos; ou por interesses de outros.

Para Harris (1976), quando a satisfação e diversão só é obtida quando se ganha, muitos indivíduos abandonam a prática porque a

devida natureza e estrutura do esporte produz mais perdedores do que ganhadores.

Como podemos notar, a preocupação com a questão pedagógica em programas de iniciação tem gerado muitos estudos, muitas discussões e pouca aplicabilidade ao ser posta em prática. Este é um momento em que se faz necessário o incentivo à prática prazerosa e sadia enquanto esporte-iniciação /satisfação.

2.4.1. O que pensam alguns autores a respeito da iniciação ao Futsal

Entre os diferentes autores que retratam o Futsal em seus livros, podemos observar que a maioria traz em seus estudos propostas para o aprendizado do Futsal bem mais direcionadas ao esquemas táticos e técnicas do jogo do que propriamente ao desenvolvimento do Futsal em seu período de iniciação.

O que fica evidenciado é que, na sua grande maioria, os autores estão comprometidos com o esporte de alto-rendimento, relatando em seus livros muitos esquemas de jogo; partindo do princípio com uma equipe formada por poucos jogadores e todos estes com conhecimento básico do jogo e qualidades técnicas já desenvolvidas.

Muitos destes autores usam em suas nomenclaturas, ao dirigirem-se aos participantes do jogo, os nomes “Atletas” ou “Jogadores” e, aos instrutores, “Treinadores”. Dificilmente falam em aula, sessão para o aprendizado; mas sim em treinamento e performance, deixando claro o princípio do esporte de alto-rendimento.

Já em seu livro *Futsal e Iniciação*, Lucena (1994), teve a preocupação de focar a Criança Movimento e o Esporte, voltando-se para questões pedagógicas e psicológicas, classificando as diferentes etapas de crescimento da criança e seu desenvolvimento psicomotor.

O autor baseia-se em procedimentos de ensino que atuam como agente facilitador da aprendizagem, proporcionando maior suporte didático às aulas e a todo o processo de ensino. Mostra seu compromisso pedagógico, definindo alguns procedimentos básicos que devem ser

observados pelo educador na relação ensino-aprendizagem. Dentre esses destacaria:

Proporcionar à criança maior variedade possível de experiências motoras (Formação do Acervo Motor); iniciar o ensino com atividades simples compatíveis com suas possibilidades de realização; elaborar atividades de acordo com o interesse das crianças; desenvolver ações de ensino, utilizando atividades naturais, aplicadas de forma prazerosa; evitar preocupação com performance; facilitar a adaptação da criança ao material didático e ao ambiente de ensino; utilizar a competição como incentivo, possibilitando a participação de todas as crianças no contexto; avaliar respostas individuais ao aprendizado; atuar como elemento motivador; oferecer atividades lúdicas combinando com as formais; desenvolver a disposição favorável ao aprendizado; transmitir o gosto de aprender e de se aperfeiçoar.

Apolo (1995) considera uma proposta de ensino consistente, aquela que permite conhecer a criança, identificar suas necessidades, analisar o que é ou não de seu interesse e todas as suas possibilidades. Para tanto, o professor tem como recurso utilizar a sua criatividade, de modo a permitir, através dos vários movimentos, a livre expressão da criança.

Tanto Lucena (1994), que é um dos únicos autores com abordagem diferenciada encontrada, quanto Mutti (1994), mostram em seus livros uma preocupação muito grande com o ensino dos fundamentos técnicos para o jogo (condução de bola, passe, chute, drible, etc). Contudo, nenhum dos autores apresentam propostas ou sugestões de ensino, onde o futsal seja um meio e não o fim, podendo

ser aquele em que a criança faz parte atuante do processo ensino-aprendizagem.

Isto fica evidenciado quando se observa que nenhum dos autores estudados, apresenta um método de ensino para o desenvolvimento de suas propostas que vá de encontro aos processos de ensino-aprendizagem. Não fica claro qual o procedimento ou método mais adequado ao aprendizado do Futsal entre meninas ou turmas mistas, que basicamente podem e devem fazer parte no período de iniciação.

Teixeira Júnior (1996), na introdução de seu livro, diz que o objetivo de seu trabalho é o de mostrar como desenvolver todas unidades para que possamos qualificar nossos alunos e atletas. Em suas idéias, coloca que a construção do conhecimento é de fundamental importância para que não tenhamos seres robotizados, gestos meramente mecânicos, que transformam o esporte e subtraem dos seres humanos o que mais de belo possuem: a criatividade. Contudo, no parágrafo seguinte, o autor se contradiz quando afirma que é importante conhecer os fundamentos básicos, tática, regras, que fazem parte do trabalho daqueles que pretendem ou trabalham com o Futsal, pois só assim poderão transmitir, corrigir e aperfeiçoar seus alunos. Este autor também cita termos puramente técnicos, tais como: qualificar, transmitir, corrigir e aperfeiçoar seus alunos.

Com relação a jogos pré-desportivos e recreativos, somente Teixeira Júnior (1996), cita alguns exemplos, porém tampouco fala da importância destas atividades para a criança.

Nenhum autor apresenta propostas nas quais a criança possa fazer parte do processo de auto-construção do aprendizado, de forma a levá-la a interagir com o jogo através de suas vivências pessoais, possibilitando trocas de experiências. As atividades lúdicas e as improvisadas como o vaza-entra, gol à gol, jogo sem goleiro, 3x1, bobinho, etc, que traduzem a essência do jogo e de um processo criativo, não são citadas em nenhum momento.

Professores como Zilles (1987) e Vieira (1987), que na sua prática estão comprometidos com esporte de rendimento, praticado nos clubes esportivos, não apresentam propostas claras para o desenvolvimento do Futsal na iniciação. Por outro lado, dentro de suas visões pedagógicas, contribuíram muito para que o Futsal pudesse se mostrar hoje como um dos desportos mais praticados no Brasil, difundido daqui para o resto do Mundo, já que o Brasil é o berço do Futsal, tendo por consequência final a aceitação do Desporto como esporte Olímpico para as próximas Olimpíadas.

Este comprometimento com o Futsal de Alto-Rendimento, desenvolvido por Zilles, Vieira e outros, faz com que o Brasil seja, hoje, a primeira força do Futsal Mundial e o país que mais exporta jogadores para as demais praças como Espanha, Portugal, Holanda, Rússia, Paraguai, Chile, Uruguai e outros países.

Com base nas literaturas pesquisadas, vemos que as propostas de ensino das escolinhas de iniciação ao futsal estão apoiadas na metodologia de treinamento, próprias ao desporto de alto rendimento. Para Kunz (1994), o conceito de esporte, hoje, é um conceito restrito, pois se refere ao esporte que tem como conteúdo o treino, a competição,

o atleta e o rendimento esportivo. Diante destas observações, constatamos não ser saudável que o esporte entre na vida de uma criança apenas com o referencial de competição e rendimento. A criança mantém uma relação com o esporte muito mais afetiva e prazerosa do que eficiente e utilitária. Daí que concluímos que o surgimento de uma cultura desportiva depende diretamente da relação que a criança teve durante a sua vida de iniciação desportiva. Na verdade, a medida que a criança vai se independizando das exigências impostas pelo esporte de alto rendimento, geralmente na segunda infância, ela tende a abandoná-lo precocemente. Dentro deste enfoque, desistindo do esporte na infância, tenderá não praticá-lo por toda a sua vida e, tão pouco, irá incorporá-lo em sua cultura.

3. INVESTIGAÇÃO

3.1. OBJETIVO

• Verificar, analisar e interpretar as intervenções pedagógicas utilizadas pelo professor nos Programas de Iniciação ao Futsal. Um ato pedagógico, pela sua complexidade, envolve muitas variáveis. Partindo do princípio de que um ato pedagógico, pela sua complexidade, envolve muitas variáveis, estudaremos somente aquelas que são impossíveis de serem relegadas a um segundo plano devido a imprescindibilidade que atribuem ao enfoque de nosso trabalho. Baseado nestas variáveis, construímos alguns objetivos específicos:

- Identificar o perfil do professor que atua no PIF (Programa de Iniciação ao Futsal);
- Identificar o modelo de desporto adotado dentro das diferentes instituições;
- Identificar os conteúdos desenvolvidos durante as aulas;
- Analisar os componentes afetivos que são manifestados pelos professores.

3.2. METODOLOGIA

3.2.1. Características da Pesquisa

O estudo é do tipo qualitativo e se caracteriza por uma pesquisa descritiva exploratória. Constitui um levantamento de dados sobre a prática do ensino desenvolvido nas escolinhas de Futsal. Para efeito do nosso trabalho, um estudo qualitativo descritivo, segundo Rudio (1978), visto por Ferreira (1984), se propõe a narrar o fenômeno, buscando o conhecimento de sua natureza, a composição, processos que o constituem ou nele se realizem.

Para Triviños (1987), o estudo descritivo pretende descrever com exatidão os fatos e fenômenos de determinada realidade.

Bogdan e Biklen (1982) apud Lüdke (1986), definem uma pesquisa qualitativa em cinco características básicas:

1. Tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como o seu principal instrumento.
2. Os dados coletados são predominantes descritivos.
3. A preocupação com o processo é muito maior do que com o produto.
4. O “significado” que as pessoas dão às coisas e a sua vida são focos de atenção especial pelo pesquisador. A análise dos dados tende a seguir um processo indutivo. Triviños (1987), ao abordar esta característica, fala-nos que o significado manifesta-se através de produções verbais das pessoas envolvidas em determinadas situações e que comandam as ações que se realizam.

3.2.2. População e Amostra

Foram utilizados para a coleta de dados três locais previamente definidos:

- Um Clube Social
- Um Projeto de Extensão
- Uma Escolinha Particular

A escolha destes locais justificou-se por abranger o universo diversificado de situações referentes ao local que estão acontecendo, bem como, aos fins propostos em cada programa de iniciação. Todos locais dispunham de boas condições físicas e materiais. O pesquisador escolheu os professores de forma intencional, de acordo com suas disponibilidades de tempo e de seus interesses em fornecer subsídios para este trabalho. As sessões de aula observadas abrangeram a faixa etária dos sete aos doze anos, independente do sexo.

3.2.3. Procedimentos

O presente estudo, inicialmente, limitou-se a identificar bibliograficamente, aspectos que pudessem nos dar um referencial teórico de sustentação para a nossa pesquisa de campo. Realizamos muitas leituras, principalmente, sobre a importância do esporte como fenômeno cultural, social, e educacional, pedagogia do ensino e suas intervenções, modelos de ensino desportivo, e o entendimento de profissionais da área sobre a questão central do estudo “a iniciação em programas de futsal”.

Em seguida, foi realizada uma entrevista semi-estruturada com o instrutor de cada estabelecimento. Num outro encontro, voltamos ao entrevistado com o resumo de suas respostas, procurando convalidá-las. Com todo o material em mãos e com a devida autorização do estabelecimento, começamos o trabalho de observação através de três filmagens em cada instituição (sendo que a primeira tinha apenas caráter adaptativo e de experimentação conforme abordado mais detalhadamente, a seguir, no item 3.2.4.3). De posse das entrevistas e das filmagens, passamos à análise do objeto em estudo.

3.2.4. Instrumentos

3.2.4.1. Entrevista Semi-Estruturada

A necessidade de realizar uma aproximação de ordem mais qualitativa, buscando conhecer o pensamento dos professores sobre a sua prática, fez com que escolhêssemos a entrevista semi-estruturada como instrumento de obtenção de dados. Segundo Triviños (1987:146), “podemos entender que este tipo de entrevista parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo a medida que se recebem as respostas do informante. Para a realização da entrevista, organizamos uma guia de entrevista (anexo 2), os quais servirão de estímulo às declarações dos professores. Os entrevistados podiam expressar-se livremente, porém o entrevistador, sempre que necessário,

intervia no sentido de retomar a direção do foco central do estudo, buscando o aprofundamento dos temas de interesse da investigação.

3.2.4.2. Observação

A Observação pode assumir muitas formas, sendo a mais antiga ou a mais moderna das técnicas de investigação (GOOD & HATT, 1970:148). Para que tal observação adquira o caráter de um trabalho científico, a mesma deve seguir os seguintes requisitos:

- servir a um objetivo já formulado de investigação.
- ser planejada sistematicamente.
- ser controlada e relacionada com propostas mais gerais e não ser apresentada como uma série de curiosidades interessantes.
- estar sujeita a comprovações de validade e confiabilidade (ANGUERA, 1978).

A partir do referencial teórico e de alguns objetivos concretos da investigação, foi decidido utilizar uma observação do tipo sistemática e estruturada como forma de obtenção e registro de dados em conjunto com uma observação livre. “A observação sistemática e estruturada se pode considerar como a observação direta de um contexto natural ou artificial que realiza o observador da posição de espectador”. (GARCIA FERRANDO, 1986:101). A observação livre, segundo Triviños (1994), satisfaz as necessidades principais da pesquisa qualitativa, como por exemplo, a relevância do sujeito, neste caso, da prática manifesta do mesmo e ausência total ou parcial, do estabelecimento de pré-categorias para compreender o fenômeno.

As observações das aulas dos programas de iniciação de futsal tiveram por objetivo registrar as ocorrências significativas que caracterizam a **organização da classe, forma de ensino, conteúdos e a interação professor-aluno.**

Utilizamos as categorias e indicadores de Brauner (1994), para programas de iniciação ao basquetebol, por sua vez advindos da matriz analítica do modelo de reprodução e transformação de Ferreira (1984). Tal escolha justifica-se pela similaridade entre o esporte em estudo e o basquetebol: esporte coletivo, de contato, mesmo n^o. de participantes e semelhante mecânica de jogo.

3.2.4.3. Planificação das observações e forma de realização

As sessões de observação seguiram as seguintes coordenadas gerais:

Lugar: se buscou respeitar o contexto espacial e natural, onde regularmente se desenvolviam as aulas (ginásios, pátios).

Tempo: as aulas dos instrutores eram gravadas de forma completa. Findada as três observações da Instituição A, passou-se para Instituição B e assim por diante, obedecendo-se a mesma ordem.

Realizamos as observações em três visitas, tendo em vista que na primeira filmagem somente tínhamos como objetivo a adaptação do investigador ao meio e aceitação normal de sua presença por parte do professor e de seus alunos. Deste modo, ficou estabelecido que a primeira visita não seria incluída como fonte para a análise dos dados. Já nas duas aulas seguintes, com o objetivo de coletar dados, o observador

realizou a sua tarefa, mantendo-se sempre à distância do cenário educativo, tornando menos perceptível a sua presença e seus movimentos.

Material: o investigador, com uma câmera de marca Panasonic, modelo pv 110, com tripé e zoom de 10 x, ficou a uma distância mínima de três metros das linhas da quadra, de modo a garantir uma margem de segurança aos alunos, professor e ao próprio material de gravação; o observador tentou sempre fixar seu material, pelo menos, a um metro e meio do nível da pista, visando um bom ângulo da tarefa do instrutor em qualquer lugar de seu espaço de atuação; e o instrutor ficou com um microfone de lapela, marca. Le son, que permitiu ouvir de forma clara todas suas intervenções verbais. Foi realizado um registro contínuo de toda aula.

3.2.4.4. Técnica de Registro

Foi utilizada uma “folha de registros” (tabela C) que continha espaços correspondentes aos diferentes indicadores, onde se marcava a incidência dos mesmos (frequência dos acontecimentos). Não interessava a intensidade nem a significação da conduta, somente sua produção foi registrada. Neste mesmo registro, abaixo, no espaço destinado a observação livre, eram descritas algumas considerações importantes observadas.

Os dados recolhidos posteriormente eram repassados a uma ficha final, onde aparecia o total de intervenções registradas e distribuídas nos diferentes indicadores e categorias.

Cada ficha contém: o nome da Instituição, a data, distribuição das categorias, subcategorias, com seus respectivos registros totais.

Os dados foram registrados após a realização das aulas, a partir da projeção das imagens gravadas em vídeo, onde a possibilidade de parar, retroceder várias vezes as imagens foi condizente com a realidade.

Os modelos das folhas de registro e das tabelas utilizados na observação aparecem nos Anexos do presente trabalho.

3.2.5. Trabalho de Campo

Para o trabalho de campo, o investigador não contou com colaboradores em nenhuma de suas fases, sendo o único responsável pela utilização dos instrumentos para obtenção dos dados bem como foi o único a realizar os contatos necessários para a participação dos instrutores e aceitação por parte das instituições.

Foi então desenvolvido um calendário de visitas como segue:

Projeto Piloto: Entrevista e Filmagem em 20/06/97

Instituição A: Entrevista em 30/07/97

Filmagens em 06/08/97, 02/09/97 e 09/09/97

Instituição B: Entrevista em 18/01/98

Filmagens em 03/02/98, 05/02/98 e 10/02/98

Instituição C: Entrevista em 05/02/98

Filmagens em 12/02/98, 16/02/98 e 03/03/98

3.2.6. Análise e interpretação dos dados

Para efetuar a análise e interpretação de nosso estudo, além do referencial de literatura, utilizamos os dados coletados nos relatos e opiniões do professores, as observações realizadas nas filmagens e a própria experiência profissional do investigador. Apesar deste estudo se caracterizar por uma análise descritiva, com a possibilidade da utilização de distribuição de frequências e o cálculo de porcentagem retirados de nossa tabela de registro dos dados das observações, buscou-se uma maior consistência, que, a partir da significação de determinadas frequências, pudesse contribuir para a validação das descrições e das inferências realizadas em nossa análise.

3.2.7. Limitações da Pesquisa

Poderíamos detectar como aquelas dificuldades que evidenciaram-se durante a investigação e que de alguma forma interferiram nesta investigação.

Um fator importante a ressaltar é que durante as entrevistas, devido a pouca experiência dos professores, se fazia necessário à intervenção do pesquisador para dar bom andamento ao direcionamento das respostas.

Outro fator limitante foi a presença do pesquisador para realizar as filmagens, criando certo constrangimento para ambas as partes.

Por fim, cabe salientar que a pesquisa foi tornando-se cada vez mais facilitada e com menores interferências, a medida que o pesquisador amadurecia no processo da investigação.

QUADRO SÍNTESE

PIF = Programa de Iniciação ao Futsal

DIMENSÃO	SUBDIMENSÕES		INDICADORES	OBJETIVOS	INSTRUMENTOS
O PROF.	BIOGRAFIA		IDADE, EXPERIÊNCIA ESPORTIVA, EXPERIÊNCIA EM PIF, ATIVIDADES PARALELAS	CARACTERIZAR A PRÁTICA PEDAGÓGICA DO PROFESSOR	ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA
	FORMAÇÃO		NÍVEL DE FORMAÇÃO, CURSOS REALIZADOS, ATIVIDADES DE ESPECIALIZAÇÃO		
	CRITÉRIOS DE SELEÇÃO		FORMA COMO INGRESSOU NA INSTITUIÇÃO, REQUISITOS BÁSICOS.		
A TURMA	TAREFA	ORGANIZAÇÃO DA TURMA	APRESENTA OS OBJETIVOS, CONDICIONA AS ATIVIDADES, UTILIZA A DEMONSTRAÇÃO, INTERRUPÇÕES À TURMA, ESPAÇO PARA ANÁLISE E AVALIAÇÃO	VERIFICAR OS RECURSOS UTILIZADOS PARA LEVAR A CABO A PROPOSTA DE ENSINO	FICHA DE OBSERVAÇÃO
		FORMAS DE ENSINO	ÊNFASE NOS DETALHES TÉCNICOS E TÁTICOS, FORMULA QUESTÕES SOBRE A ATIVIDADE, PARTICIPA JUNTO COM OS ALUNOS, DELEGA LIDERANÇA	CONHECER A PRÁTICA PEDAGÓGICA ADOTADA PELO PROFESSOR	ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA FICHA DE OBSERVAÇÃO
		CONTEÚDOS	EXERCÍCIOS FÍSICOS, TÉCNICOS E TÁTICOS O JOGO PROPRIAMENTE DITO ATIVIDADES LÚDICAS ESPECÍFICAS E NÃO ESPECÍFICAS AO FUTSAL	IDENTIFICAR OS CONTEÚDOS DESENVOLVIDOS NAS SESSÕES	ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA FICHA DE OBSERVAÇÃO
	INTERAÇÃO PROFESSOR ALUNO	ÂNIMO CENSURA OUTROS COMPORTAMENTOS	ELOGIA A ATUAÇÃO DOS ALUNOS, AJUDA DE ORDEM NÃO TÉCNICA CRÍTICA A EXECUÇÃO, UTILIZA CASTIGO E PENALIZAÇÃO OBSERVA SILENCIOSAMENTE, ESCUTA ATENTAMENTE OS ALUNOS	ANALISAR OS COMPONENTES AFETIVOS QUE SÃO MANIFESTADOS PELO PROFESSOR	ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA FICHA DE OBSERVAÇÃO

QUADRO SÍNTESE

PIF= Programa de Iniciação ao Futsal

DIMENSÃO	SUBDIMENSÕES		INDICADORES	INFORMAÇÕES QUE OFERECEM
O PROFESSOR	BIOGRAFIA		IDADE, EXPERIÊNCIA ESPORTIVA, EXPERIÊNCIA EM PIF, ATIVIDADES PARALELAS	PERFIL PESSOAL E PROFISSIONAL
	FORMAÇÃO		NÍVEL DE FORMAÇÃO, CURSOS REALIZADOS, ATIVIDADES DE ESPECIALIZAÇÃO	NÍVEL DE EDUCAÇÃO FORMAL E DESPORTIVA, INTERESSE POR ATUALIZAÇÃO E APERFEIÇOAMENTO
	CRITÉRIOS DE SELEÇÃO		FORMA COMO INGRESSOU NA INSTITUIÇÃO, REQUISITOS BÁSICOS.	FORMA COMO INGRESSA NA INSTITUIÇÃO
A TURMA	TAREFA	ORGANIZAÇÃO DA TURMA	APRESENTA OS OBJETIVOS, CONDICIONA AS ATIVIDADES, UTILIZA A DEMONSTRAÇÃO, INTERRUPTÕES À TURMA, ESPAÇO PARA ANÁLISE E AVALIAÇÃO	MEIOS E RECURSOS QUE UTILIZA O PROFESSOR PARA DESENVOLVER A SUA PROPOSTA DE ENSINO
		FORMAS DE ENSINO	ÊNFASE NOS DETALHES TÉCNICOS E TÁTICOS, FORMULA QUESTÕES SOBRE A ATIVIDADE, PARTICIPA JUNTO COM OS ALUNOS, DELEGA LIDERANÇA	CONHECER A PRÁTICA PEDAGÓGICA UTILIZADA PELO PROFESSOR
		CONTEÚDOS	EXERCÍCIOS FÍSICOS, TÉCNICOS E TÁTICOS JOGO PRÓPRIAMENTE DITO ATIVIDADES LÚDICAS, ESPECÍFICAS E NÃO ESPECÍFICAS AO FUTSAL	TIPO E PROPORÇÃO DAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS
	INTERAÇÃO PROFESSOR ALUNO	ÂNIMO CENSURA OUTROS COMPORTAMENTO	ELOGIA A ATUAÇÃO DOS ALUNOS, AJUDA DE ORDEM NÃO TÉCNICA CRITICA A EXECUÇÃO, UTILIZA CASTIGO E PENALIZAÇÃO OBSERVA SILENCIOSAMENTE, ESCUTA ATENTAMENTE OS ALUNOS	ATITUDES ESPONTÂNEAS E REAÇÕES DO PROFESSOR DURANTE AS AULAS

4. OPERACIONALIZAÇÃO DA INVESTIGAÇÃO

Com a inexistência de um sistema de categorias que pudesse ser utilizado indistintamente em todas as investigações deste tipo, utilizamos o desenvolvimento de categorias **ad hoc**, específicas para o nosso estudo e já utilizadas por Brauner (1994), em sua investigação em Programas de Iniciação ao Basquetebol.

4.1 OS INDICADORES

4.1.1- O Professor

Na seleção dos indicadores relativos a esta dimensão, buscou-se encontrar aqueles que melhor caracterizassem o perfil pessoal e profissional dos professores de PIF. Do mesmo modo, buscou-se conhecer as condições de trabalho sobre as quais desenvolvem suas funções. Deste modo, definimos os seguintes indicadores:

- **A idade;**
- **A biografia desportiva e profissional:** principais experiências no mundo desportivo e de iniciação ao futsal; dados relativos a outras atividades que possa desempenhar além do PIF;
- **Formação:** nível de educação formal e desportiva; cursos realizados, atividades de especialização e/ou específicas;
- **Critério de seleção:** forma como ingressou como professor e requisitos solicitados pela instituição.

4.1.2. - A Aula

Sendo aula um aspecto importante no processo de ensino e centro da atenção deste estudo, julgamos oportuno criar subdimensões que se referissem à **tarefa** e à **interação professor-aluno** .

Os indicadores relacionados com o desenvolvimento da **tarefa** foram classificados em três grupos, enquanto que os indicadores que se referiram aos **alunos** ficaram em um só grupo. A distribuição se realizou da seguinte forma:

4.1.2.1 - Subdimensão: Tarefa

100. Organização da aula: os recursos gerados ou criados pelos professores para alcançar a sua proposta de ensino e que podem ser tanto de ordem espacial, temporal ou material. Neste caso, podemos citar:

101. Apresentação dos objetivos das atividades: quando o professor apresenta aos alunos as metas e as propostas (objetivos gerais), ou quando tem a intenção de definir uma manifestação observada de caráter cognitivo, comportamentais ou psicomotriz (objetivos específicos ou operacionais).

Exemplos:

- hoje, vamos fazer um trabalho de muita técnica individual.
- as atividades buscam mostrar a importância do chute sem barreira.

102. Fixar os condicionantes da atividade: quando o professor enuncia os fatores que restringem ou condicionam a atividade proposta, devendo, portanto, estarem relacionados com espaço, tempo ou material.

Em geral, as informações que condicionam o desenvolvimento das atividades, quando foram emitidas antes de sua execução, foram registradas como **102** e, quando foram emitidas durante a realização da atividade quase sempre foram registradas como **201**. OBS.: a interpretação do observador teve sempre um papel importante na classificação da informação na hora de discernir entre o aspecto de organização (102) ou comentário técnico (201).

Exemplos:

- faremos um grupo de quatro
- agora, cada um com uma bola
- formaremos duas colunas
- decisões de arbitragem (gols, lateral, falta, etc)

103. Demonstração da atividade: quando o professor apresenta o modelo físico de uma atividade motriz, buscando oferecer uma representação visual, ou visual-auditiva de um resultado desejado. Pode incluir demonstrações corretas ou incorretas com fins de comparações instrutivas; também pode utilizar elementos didáticos como cartazes, desenhos, etc. com o mesmo fim. OBS.: o registro deste item pode ser simultâneo com o **201**.

104. Interrupções à aula: ocasiões em que, por diferentes motivos (explicações, correções, banheiros, descanso), o professor interrompe a aula.

Importante: as interrupções para explicações foram registradas simultaneamente com o item **201**; as paradas, com o objetivo de organizar, foram registradas simultaneamente com o item **102** e, as interrupções para críticas tiveram registro concomitante com o item **501**.

105. Espaço para análise ou avaliação das atividades: quando o professor dá oportunidade aos alunos de falar entre si ou com ele para emitir ou escutar opiniões a respeito da prática desenvolvida; estimula a comunicação e o exercício de uma consciência crítica dos alunos e um exercício de democracia para o professor.

Exemplos:

- análise do comportamento do aluno durante o treinamento.
- espaço para escutar as diferentes opiniões da turma.
- avaliação do rendimento individual e coletivo.

200. Formas de ensino: ações dos professores que evidenciam a tendência pedagógica adotada por eles; tendências estas que podem incidir em um modelo tradicional onde o professor é o centro do processo, ou em um modelo inovador onde as responsabilidades e participações são compartilhadas entre professor e aluno. A seguir, citamos os próximos indicadores:

201. Ênfase nos detalhes técnicos e táticos: informações, explicações, instruções emitidas pelo professor, sempre manifestando a preocupação não só pelo caráter técnico (forma correta de execução do gesto ou do movimento) e pelo caráter tático (ensino de jogadas ensaiadas).

Exemplos:

- efetuem o passe com trajetória reta

- passar forte na direção do companheiro
- passar a bola com a parte interna do pé

202. Propostas de tarefas com distintas formas de realização ou formulação de questões sobre a atividade: propostas de tarefas que dêem às crianças uma livre escolha das alternativas de execução; estímulo ao aprendizado através do descobrimento.

Importante: perguntas irônicas, com a finalidade de crítica, não foram registradas aqui, mas nos itens **102, 104** ou **501**.

Exemplos:

- o que podemos fazer agora?
- de que outro modo podemos fazer?

203. Participação do professor nas atividades junto com os alunos: uma vez definida e organizada a tarefa a desenvolver, o professor participa de forma efetiva junto com o aluno, realizando movimentos similares aos das crianças, sujeitando-se às mesmas regras, etc. O professor é mais um dentro do grupo.

Exemplos:

- participar do jogo.
- participar como passador de bola.
- ficar à frente da área, dificultando o passe e chute a gol.

204. Divide a direção das atividades com os alunos: quando o professor delega liderança, apresenta aos alunos a possibilidade de tomar partidos, escolher ou selecionar grupos de trabalho, propor ou sugerir tarefas, fazer uma avaliação ou correção dos movimentos do colega (ensino recíproco).

Exemplos:

- liberar para seleção de companheiros de duplas, trios e equipes, etc., segundo valores dos próprios alunos.

- exercícios de arbitragem ou controle de uma atividade competitiva qualquer.

300. Os conteúdos: tipo e proporção das atividades propostas e/ou desenvolvidas. Para tanto, foram definidos os seguintes indicadores:

301. Exercícios físicos, técnicos e táticos: atividades que buscam, mediante a repetição, a aquisição de qualidades e destrezas de ordem física, técnica ou tática.

Importante: a execução de uma mesma atividade por lados diferentes da quadra, para efeitos de registro, foram consideradas como só uma incidência e as referidas trocas de lado foram registrados no item **102**. Também aqueles exercícios que mantiveram sua estrutura interna, mas em dado momento trocam o número de jogadores por alguma razão, foram registrados uma só vez (por exemplo: realização de uma seqüência de passes com o grupo em círculo e um jogador no centro, depois dois, três, etc).

302. Jogos: todas atividades que levem em consideração um resultado, ou seja, aquelas atividades que buscam estabelecer melhores índices de performance, que estimulam a superação de si mesmo ou de um adversário.

Exemplos:

- Coletivo (5x5), com as regras de padrões normais de competição.

- Ataque contra defesa.

- uma partida até dez gols.

303. Atividades lúdicas não específicas e específicas ao futsal: atividades espontâneas ou com poucas regras e/ou com possibilidades de mudanças feitas pelos participantes segundo seus interesses; atividades geralmente organizadas para efeitos de motivação e/ou sociabilização.

Exemplos:

- caçador
- formas cantadas
- estafeta com condução de bola
- acertar o alvo com um chute

4.1.2.2. Subdimensão: Interação professor-aluno

As atitudes dos professores, espontâneas ou resultantes das pretensões das crianças durante a aula. Tentou-se encontrar indicadores que representassem as intervenções dos professores nas áreas: positiva, negativa e neutra.

Assim sendo, apresentamos a continuação dos indicadores referentes aos aspectos da relação professor-aluno que foram selecionados para cada uma das divisões comportamentais propostas:

400. Ânimo verbal ou gestual

401. Elogia a atuação das crianças: o professor utiliza palavras ou gestos de ânimo geral; faz comentários positivos após qualquer ação da criança ou grupo, mas não supervaloriza os erros cometidos. São os comentários que animam a participação.

402. Ajuda de ordem não técnica: atenção e disponibilidade do professor para resolver problemas de ordem circunstancial (lesões), estrutural (material), ou também de ordem emocional (cansaço, aborrecimento). As brincadeiras que pretendem motivar e relaxar o ambiente, as manifestações de afetividade positiva (abraço, sorriso).

500. Censura verbal ou gestual

501. Crítica à execução ou aos aspectos da conduta: reprimendas técnicas ou disciplinares; utilização de formas irônicas para comentar o desempenho do aluno ou do grupo, ameaças, gritos, etc.

Importante: do mesmo modo que na situação de ânimo, o observador deverá estar atento à interpretação do sentido empregado nas expressões e considerações do professor.

502. Utilização de castigos ou penalizações: situação em que o professor estabelece um tipo qualquer de penalização.

Exemplos:

- isolar um aluno do grupo ou da atividade.
- ordenar a execução de um exercício um número incansável de vezes.
- não permitir a participação do aluno no jogo.
- castigo por má execução de um exercício ou após o grupo ter perdido um jogo.

600. Outras atitudes do professor

601. Observa silenciosamente sem intervir: o professor segue as ações sem emitir juízo ou participar diretamente (verbal ou gestualmente). O professor anuncia a atividade e após não participa, permitindo o desenvolver da atividade por si mesma. Para efeitos de

registro, foram consideradas às vezes em que o professor se manteve sem participar durante períodos iguais ou superiores a trinta segundos.

602. Ouve atentamente os alunos: ocasiões em que o professor permite que o aluno se expresse sem interrompê-lo, contestando de forma pertinente, não necessariamente de maneira positiva, porém de forma clara e paciente.

5. A INICIAÇÃO AO FUTSAL: UMA ANÁLISE DA REALIDADE EM ESCOLINHAS DESPORTIVAS

O presente capítulo está estruturado na análise descritiva da realidade da prática observada em três Programas de Iniciação ao Futsal que compõem o universo do presente estudo. Deste modo, buscamos conhecer as condições existentes em cada instituição no que se refere ao **professor**, seu modelo em **forma de ensino**, os seus **conteúdos** e sua **relação com os alunos**.

5.1. O PROFESSOR

Antes de discorrermos sobre cada professor que participou de nossa amostra, salientamos que, num primeiro momento, utilizamos o que foi relatado por eles nas entrevistas e, em seguida, emitimos um pequeno parecer que elaboramos de acordo com o que foi observado nas aulas. Por fim, apresentamos um resumo das três instituições relacionados com os indicadores de idade, forma de ingresso, nível de informação e de biografia desportiva.

O professor da Instituição “A”, tem 27 anos, está no último semestre de Ed. Física, sendo este o seu grande objetivo profissional. Além dos seus estudos, ocupa também a função de professor nesta instituição há três anos, onde desenvolve suas tarefas duas vezes por semana, a tarde.

Ingressou nesta instituição a convite do coordenador do curso de Ed. Física de sua faculdade. A sua escolha deu-se por ser aluno e por já ter tido experiência de dois anos com escolinhas de futsal. Desenvolve também atividades em duas escolas particulares como professor de Ed. Física. O professor tem realizado alguns cursos, entre eles, cursos de treinador e de arbitragem promovidos pela Federação Gaúcha de Futsal.

Entre as suas idéias pessoais, fala que o futsal é apenas um pano de fundo. A sua preocupação é com o desenvolvimento da criança como um todo; e não a de ficar preso ao ensino dos fundamentos técnicos, cobrando uma execução correta. Acredita que o esporte de competição influencia as crianças, a medida que cria a expectativa delas poderem ser aquele atleta famoso.

Dentre os conteúdos, procura desenvolver os fundamentos de maneira recreativa e dentro do próprio jogo, desenvolvendo um pouco a tática. Seus objetivos são a sociabilização, a integração e respeito mútuo.

Com relação aos aspectos educativos, acredita que estes se dão no decorrer da aula e até mesmo antes de começá-la: o tempo de espera, o modo de aguardar a chamada, o respeito às regras, o não abandono à quadra para ir ao banheiro ou conversar com outras pessoas, respeito à individualidade, cooperação e a possibilidade de discussão e solução de problemas.

Quanto a sua satisfação profissional, afirma que o que mais lhe deixa gratificado é a relação que tem com seus alunos.

Em nossas observações, verificamos que este professor é muito participativo, atua com os alunos em muitas atividades da aula.

Mostrou uma tendência ao ensino aberto, seus conteúdos apresentaram algumas atividades lúdicas e seus exercícios técnicos se caracterizaram por atividades mais globalizadas (2x1, oito). Foram explorados os diferentes espaços da quadra e suas demarcações. Sua aula não se caracterizou por muita demanda de uma correta execução das atividades e, durante o jogo, fez poucas colocações e intervenções. Finalizando, e de acordo com os registros mais adiante exposto, verificamos que, apesar de não ter o hábito de elogiar seus alunos, tinha uma boa relação com os mesmos.

O professor da Instituição “B”, tem 24 anos, está no 6º semestre do curso de Ed. Física. Além de seus estudos, desenvolve o seu trabalho nesta escolinha há um ano, tendo carga horária de duas aulas semanais na turma analisada. Começou o seu trabalho, nesta instituição, a convite de um colega de faculdade. Treina também um grupo de meninas em outra instituição. Realizou cursos de treinador e de arbitragem promovidos pela Federação Gaúcha de Futsal.

No seu ponto de vista, o trabalho de iniciação é o começo do aprendizado, onde procura ensinar tudo o que aprendeu aos seus alunos. Acredita que o esporte de competição influencia muito às crianças, principalmente pela tradição que a sua instituição possui nesta área.

Com relação aos conteúdos a serem basicamente desenvolvidos em suas aulas, destaca os fundamentos, as jogadas ensaiadas e as regras. Seus objetivos são superar as dificuldades de cada aluno; para uns o chute, outros o cabeceio etc. No geral, é de sociabilizar e de formar equipes para levar a algum lugar e sair-se bem.

Para ele, os aspectos educativos que o futsal pode propiciar englobam o perder e ganhar, a sociabilização e o racismo.

Afirma sentir-se gratificado ao conseguir superar as dificuldades de cada aluno, como aquele que aprende a chutar após um período de aula.

Com relação ao parecer deste professor, podemos perceber que o mesmo mantém ótima relação com seus alunos, mostrando-se sempre muito atencioso. Foi o professor que mais elogios e estímulos teceu aos seus alunos, mesmo com sua acentuada preocupação com os aspectos técnico-táticos de sua aula. Suas atividades foram impostas ao grupo, refletindo clara tendência ao modelo do desporto de competição. Apresentou muitos condicionantes ao posicionamento em quadra, bem como às movimentações que deveriam ser feitas durante o jogo.

O professor da Instituição “C”, tem 31 anos, está cursando o 5º semestre de Ed. Física e afirma ter sempre gostado da prática de esportes. Nesta instituição, para a qual foi indicado por um colega de faculdade, trabalha há 1 ano duas vezes por semana, a tarde. Também é professor de uma escola municipal e possui sua própria escolinha de futsal aos sábados. Realizou cursos de treinador e de arbitragem promovidos pela Federação Gaúcha de Futsal.

Em suas idéias a respeito da iniciação ao futsal, destaca que é nesta idade que as crianças chegam na escolinha achando que sabem tudo. Para ele, é neste momento que se deve corrigir muitos “defeitos” que as crianças trazem de casa e da rua. Diz que as crianças acreditam que já sabem a forma correta de passar a bola, driblar etc. Informa também que o esporte de competição influencia no seu trabalho devido à

existência de seleções para a formação de equipes de futsal em todas as faixas etárias e, por consequência, há uma grande pressão por parte dos pais.

Os conteúdos que ele desenvolve se baseiam em atividades lúdicas, brincadeiras e muitos jogos de recreação. Quanto aos seus objetivos, destaca a sociabilização, a integração, o espírito de grupo e o comportamento.

Acredita que os aspectos educativos devem nortear o espírito de grupo, a sociabilização e a integração, proporcionando ao aluno expressar-se melhor.

As situações que lhe deixam mais gratificado são aquelas em que pode constatar que o aluno que entrou sem uma técnica, no decorrer das aulas, passa a jogar “direitinho”.

Em nosso parecer, analisando a sua atuação em aula, foi possível observar que este professor tem uma postura séria e é preocupado com o comportamento de seus alunos. O mesmo preocupa-se em demasia com a execução correta da técnica. Estabeleceu as mesmas normas de treino, e de jogo exigidas para equipes adultas de competição. É importante ressaltar também que, ao contrário do que foi expresso pelo mesmo, não utiliza atividades lúdicas em suas aulas. Por fim, notamos que não costuma delegar liderança e pouco participa juntamente com os alunos das atividades.

Com relação aos indicadores relativos a dimensão **professor**, de acordo com o exposto acima, foi possível verificar que a idade dos professores variaram entre 24 e 31 anos e que todos professores foram convidados a desenvolver seus trabalhos por diversas pessoas, colegas e

coordenador de curso, sendo que em nenhum caso foi necessário que o escolhido possuísse vasta experiência anterior ou tão pouco nível de formação universitário. Isto nos leva a concluir que os requisitos acadêmicos, ou de formação específica para o trato com crianças e com o futsal não foram critérios importantes para o preenchimento da vaga. Por outro lado, todos os professores se encaminham para a profissionalização, uma vez que já são acadêmicos de Ed. Física e que afirmaram ter buscado atualização na área. Finalmente, outro ponto interessante foi que nenhum dos professores foi atleta de futsal.

5.2. MODELOS EDUCATIVOS E DESPORTIVOS ADOTADOS

Uma vez evidenciada a biografia, o nível de formação e a forma de ingresso do professor na instituição, procuramos, a partir de agora, buscar pontos de comparação a respeito dos modelos de ensino e desporto desenvolvidos em cada uma das três instituições.

5.2.1. A Organização da Turma

Nesta primeira parte, pretendemos aprofundar nossa análise no que se refere às condições sobre as quais se estruturam as aulas dos Programas de Iniciação ao Futsal. Inicialmente, a tabela 1, apresentada abaixo, nos mostra os objetivos traçados pelos professores nas diferentes instituições.

TABELA 1. OBJETIVOS DAS PRÁTICAS DE INICIAÇÃO AO FUTSAL DAS DIFERENTES INSTITUIÇÕES	
A	<ul style="list-style-type: none">• Sociabilizar, integrar e o respeito mútuo.• Trabalhar a criança como um todo.
B	<ul style="list-style-type: none">• Superar as dificuldades individuais; para uns o chute, outros o cabeceio etc.• Sociabilizar e formar equipes para levar a algum lugar, sair-se bem.
C	<ul style="list-style-type: none">• Sociabilizar, integrar, trabalhar o espírito de grupo.• Trabalhar o comportamento.

Como pode-se observar em seus objetivos relatados, todos deram ênfase ao aspecto de sociabilização. Somente na Instituição “A” encontrou-se um objetivo que centra a preocupação na criança como um todo. As demais instituições apresentaram um enfoque dirigido às atividades e capacidades para o desenvolvimento do esporte (superar dificuldades, formar equipes, trabalhar espírito de grupo e comportamento).

Na prática, verificou-se que todos os professores caracterizaram-se por ter uma atitude controladora em relação às atividades, deixando para os alunos a opção de ser meros executantes das tarefas propostas. As aulas foram estruturadas pelos professores, que sempre estabeleceram e condicionaram as tarefas a serem executadas. Os professores interferiram muitas vezes para explicar, corrigir, demonstrar, estabelecer condicionantes e manter a ordem.

Todas estas características antes mencionadas pertencem ao modelo tradicional de ensino (FERREIRA, 1984).

Na continuação, a Tabela 2 nos mostra a percentagem das intervenções da categoria **organização da aula** em relação ao total de intervenções ocorridas em aula.

TABELA 2. PERCENTAGEM DE INTERVENÇÕES NA CATEGORIA “ORGANIZAÇÃO DA AULA”			
Intervenções	A	B	C
Total de intervenções	261	422	412
Organização	112	137	183
% Organização	42.9%	32.5%	44.4%

Com base na tabela acima, observou-se a grande incidência de intervenções destinadas à **organização**, revelando assim uma clara preocupação dos professores em manter o controle e a ordem sobre as atividades. Em todas as instituições os professores não oportunizavam aos alunos a **participação** na estruturação dos exercícios ou na opção de realizarem determinada atividade conforme sua escolha ou criatividade.

Cabe-nos salientar que a Instituição “A”, mesmo apresentando uma tendência ao modelo tradicional, foi a que menos fez intervenções no contexto geral, se levarmos em conta que a duração da sua aula foi superior a duração das demais.

Num contexto de uma análise mais detalhada dos diferentes fatores de **organização da aula** observaremos, abaixo, na Tabela 3, o percentual de ocorrências dado a cada indicador.

TABELA 3. PESO DE CADA INDICADOR NA CATEGORIA “ORGANIZAÇÃO DA AULA”					
Total					
Indicadores	A	B	C	Frec.	%
Objetivos	0.9%	2.2%	1.1%	06	1.4%
Condicionantes	58%	70.1%	70.5%	290	67.1%

Demonstração	0.9%	5.1%	3.8%	15	3.5%
Interrupção	35.7%	18.2%	24%	109	25.2%
Análise	4.5%	4.4%	0.6%	12	2.8%
% Total	100%	100%	100%
Total intervenções	112	137	183	432	100%

A apresentação dos **objetivos** e um possível trabalho de elaboração e discussão com os alunos, foi deixado de lado pelos professores das instituições pesquisadas. Obteve-se uma frequência muito baixa neste indicador, sendo que a sua incidência nas três instituições obteve um percentual 1.4% em relação ao total de intervenções nesta categoria de **organização**. Percebe-se claramente que os **objetivos** a serem alcançados pelos professores durante a aula não foram explicitados e tão pouco promoveram o entendimento, participação e envolvimento de todos os alunos para alcançar um objetivo em comum.

Passando para uma próxima análise, percebemos que os **condicionantes** presentes nas atividades, como fatores relacionados com o tempo, espaço, regras e questões de disciplina, obtiveram a maior incidência dentro da categoria **organização da aula**. Em todas as instituições observou-se que os professores mantinham o controle, procurando limitar e restringir a liberdade da criança no que diz respeito à capacidade de improvisação, criação e espontaneidade. É importante também relatar que, antes de começar as aulas, as crianças faziam a sua própria diversão. Munidas de uma bola, realizavam cobranças de penalty ou até mesmo criavam o seu jogo próprio. Dividiam as equipes rapidamente, não delimitavam posições ou número de participantes, corriam alegres atrás da bola e controlavam as regras do jogo. Tudo

acontecia na base da improvisação até o professor chegar para dar início à aula. Os alunos eram então reunidos no meio da quadra, dando lugar às expressões de seriedade dos adultos e obrigando-se a esquecer da diversão.

Os **condicionantes** que mais ficaram evidenciados foram aqueles relacionados com a preocupação na formação dos exercícios e os ocorridos durante o jogo, onde a todo momento os professores determinavam o posicionamento correto de seus alunos e mostravam-se preocupados com as regras do jogo.

Apesar de apresentar uma freqüência baixa no contexto geral, o indicador **demonstração**, como característica própria do desporto de competição obteve um maior freqüência na Instituição “**B**”. Isto deve-se ao fato de que o professor se mostrou muito preocupado com os aspectos táticos uma vez que suas atividades iniciais de aula foram baseadas dentro de um sistema de jogo. Vemos então que quanto maior for a preocupação com o desempenho, maior será a necessidade de demonstrar, determinar o conteúdo a ser ensinado e de estabelecer o número de repetições a serem realizadas pelos alunos.

No tocante às **Interrupções** realizadas durante as aulas, pode-se verificar que estas ocorreram com o intuito de organizar, explicar algum exercício, determinar o posicionamento correto e por muitas vezes, foram destinadas a controlar o comportamento dos alunos. Tal indicador evidencia uma prática tradicional de ensino, onde os professores ocupam grande parte do tempo de aula preocupados com a realização correta das atividades e normas de comportamento propostas.

Após o item **condicionantes**, o indicador **interrupções** foi o que mais ocorreu dentro da **organização da aula**.

Como ocorrido com os **objetivos**, a **análise das atividades** foi um dos indicadores de menor frequência dentro da **organização da aula**. Existe uma total falta de previsão de um espaço de tempo necessário para que se possa possibilitar um diálogo que promova abertura suficiente para se saber o que as crianças estão sentindo em relação às aulas, para as críticas e até mesmo para alterar a programação da aula seguinte. No momento em que esta situação ocorreu, final de aula, o professor pediu aos alunos que, enquanto ele falava, eles realizassem alongamentos, dando pouca importância a este aspecto. Quanto aos pronunciamentos que eram emitidos durante estas conversas, na Instituição “**A**”, podemos citar que professor criticou a conduta de um dos alunos, por este ter chamado a atenção de um dos colegas que teria falhado durante o jogo. O mesmo pediu para que esta conduta não se repetisse em aula. No final da aula da Instituição “**B**”, o professor realizou os seguintes comentários: “Deu para entender o sisteminha?”; “O branco entendeu, o cinza não.”; “O jogo ficou mais bonito.”; “Melhorou bastante”. Já na Instituição “**C**”, no final da aula, o professor dedicou o seu tempo para elogiar a disciplina dos seus alunos durante o ano que passou e em seguida estabeleceu algumas normas e condutas exigidas pela escolinha para o próximo ano.

O que foi visto acima leva-nos a concluir que a **análise**, de um modo geral, acontece como via única; o professor fala e os alunos somente escutam. Este tipo de postura do professor leva a uma prática inconsciente, não estimula o espírito crítico, não oportuniza a

espontaneidade e tão pouco permite que as crianças expressem os seus anseios e necessidades individuais.

5.2.2. Aspectos relativos à forma de ensino

A **forma de ensino** foi outra categoria que nos permitiu, através de seus indicadores, verificar o modelo pedagógico adotado nos Programas de Iniciação ao Futsal. A **ênfase nos detalhes técnicos** representou a opção clara pelo modelo tradicional, centrado no professor, característico do desporto competitivo. Já os indicadores **formula questões sobre atividade, participa junto com os alunos das atividades e delega liderança** representaram um modelo de ensino ativo, mais aberto à participação dos alunos, característico do modelo transformador.

Na Tabela 4, apresentamos o peso (%) respectivo de cada indicador dentro da categoria **forma de ensino**.

TABELA 4. PESO DE CADA INDICADOR NA CATEGORIA “FORMA DE ENSINO”					
Total					
Indicadores	A	B	C	Frec.	%
Detalhes. Técnicos	85.3%	95.0%	97.4%	240	93.4%
Formula questões	3.3%	0%	2.6%	04	1.5%
Participação	9.8%	4.2%	0%	11	4.3%
Delega liderança	1.6%	0.8%	0%	02	0.8%
% Total	100%	100%	100%
Total intervenções.	61	119	77	257	100%

Através da maior e menor utilização dos indicadores, foi possível verificar o modelo de ensino mais empregado nos programas de iniciação ao futsal. Nas observações realizadas, pode-se constatar a dificuldade que representa por em prática uma forma pedagógica inovadora de esporte, um modelo mais ativo de ensino. Verificou-se, mais uma vez, com clareza, o auto grau de **ênfase nos detalhes técnicos** durante as aulas. Encontramos um modelo que reproduz o esporte de competição e, que, por conseguinte, dá uma atenção demasiada às técnicas e às habilidades esportivas. Há uma busca da eficiência e da produtividade. A criança é tratada como simples objeto do treinamento. Estes achados vão ao encontro ao modelo tradicional, citado por Ferreira (1984).

Ao fazermos uma análise mais detalhado das colocações acima, foi possível verificar que o professor da Instituição “A” foi aquele que mais apresentou incidências nos indicadores da concepção inovadora do esporte. De acordo com o que já foi relatado na categoria **organização**, o tempo de aula desta instituição foi superior às demais, perfazendo um número de intervenções mais baixo que os demais

professores. O professor desta instituição foi aquele que mais participou junto com os alunos das atividades. Sua **participação** pode ser observada durante as atividades lúdicas e enquanto ele se posicionou como marcador num trabalho técnico de passe. A Instituição “**B**”, foi a que mais realizou intervenções nesta categoria. O professor mostrou-se demasiadamente preocupado com os **detalhes técnico-táticos**. Sua **participação** junto com os alunos aconteceu durante o jogo como goleiro. Porém, não podemos afirmar se sua **participação** deu-se por livre e espontânea vontade ou se para completar o número de jogadores que uma partida oficial exige. O Professor da Instituição “**C**” mostrou-se preocupado com os **detalhes técnicos**. A todo momento, realizou correções, comentários e orientações técnicas, conforme citação a seguir: “Se tivesse um poste na frente, terias derrubado”. O mesmo não **participou** em nenhum momento das atividades e tão pouco **delegou e compartilhou** liderança. Neste caso é importante ressaltar também que acreditamos que somente a **participação do professor nas atividades**, não nos dá subsídios concretos para que enquadremos, dentro de um modelo, mas sim as intenções que ele tem.

Com relação ao exposto, Molina (1993), afirma que, quando o professor reproduz os gestos motores estereotipados, reproduz a ideologia e impede o espaço para criação.

5.2.3. Os Conteúdos

Ao se analisars o tipo de **conteúdo** utilizado pelos professores nas diferentes instituições se pode reforçar a idéia de que o **modelo de desporto** perseguido é tão somente o de aperfeiçoamento técnico.

Em nosso estudo observamos que todos os professores, em maior ou menor grau propõe atividades baseadas em exercícios físicos, técnicos e táticos. Geralmente, as atividades técnicas foram apresentadas com formas bem definidas e quase sempre repetitivas, de forma a alcançar o gesto e a qualidade no movimento.

Se pode constatar tal afirmação através dos dados da tabela 5 que aparece abaixo.

TABELA 5. PESO DE CADA INDICADOR NA CATEGORIA “CONTEÚDO”					
Total					
Conteúdos	A	B	C	Frec.	%
Exercício Físico Técnico Tático	58.3%	77.8%	90.5%	33	78.6%
Jogos	16.7%	22.2%	9.5%	06	14.3%
Atividades Lúdicas	25%	0%	0%	03	7.1%
% Total	100%	100%	100%
Total intervenções.	12	09	21	42	100%

Como já foi mencionado anteriormente em outras categorias, a Instituição “A”, foi a única a apresentar durante a aula, brincadeiras e atividades recreativas. As suas atividades técnicas foram apresentadas de forma mais globalizada (2x1, oito) e também o professor buscou explorar os espaços da quadra e suas linhas demarcatórias. A sua rotina nas duas aulas foi a seguinte: chamada, alongamento, atividade

recreativa, trabalho técnico, jogo e alongamento associado à conversa final.

As Instituições “B” e “C” não apresentaram em seus **conteúdos** atividades lúdicas, brincadeiras etc. É importante lembrar que estas instituições possuem equipes de competição, onde os alunos que se destacarem na escolinha poderão participar. Este dado deve ser levado em conta a medida que estas instituições apresentaram um índice elevado no indicador exercício físico, técnico e tático.

Pode-se também observar, que as rotinas de aula de cada instituição se repetiram nas duas aulas seguintes. O professor da Instituição “B”, apresentou a seguinte seqüência de aula: Alongamento/chamada, trabalho técnico-tático, jogo, alongamento final/diálogo com os alunos.

Na Instituição “C”, o professor realizou chamada, alongamento dirigido, corrida de 5’ intercalados com exercícios, atividades técnicas, jogo, alongamento e conversa.

Importante ainda ressaltar que o jogo se fez presente em todas as aulas, ocupando, em média, o equivalente a 1/3 da aula. A dinâmica era sempre a mesma, o professor escolhia as equipes, sempre cinco para cada lado. Além de definir as posições, quando sobrava algum aluno, este ficava na reserva, aguardando o momento do professor realizar a alteração. Também é interessante relatar que as regras do jogo eram as mesmas do desporto federado.

Diferentemente do ocorrido na Instituição “A”, os professores das outras duas instituições praticamente narraram o jogo todo. Condicionaram o posicionamento, realizando interrupções para corrigir

as movimentações e a técnica de seus alunos. Apesar do professor da Instituição “B” utilizar expressões como “sobe cinza”; “fecha o meio”; “volta o cinza”; “aparece”; “chuta” e “para a frente”, este se destacou por utilizar muitos elogios e estímulos aos seus alunos durante o jogo.

Tais comportamentos didáticos nos indicam, mais uma vez, a existência de um modelo de execução baseado na imitação e reprodução, visando o mais alto desempenho de seus alunos.

Quanto a isso, conclui TANI et alii (1988):

“convém acrescentar as habilidades específicas ou culturalmente determinadas, requisitadas no trabalho, na vida social, enfim na vida das pessoas e não somente para a aprendizagem das habilidades desportivas. Os conteúdos são escolhidos de acordo com as características dos mesmos, quando vão ao encontro das exigências do processo de desenvolvimento pelo qual as crianças estão passando”.

5.2.2.4. Interação Professor-Aluno

Podem-se captar e analisar muitos componentes da relação de afetividade e de comportamento que são manifestadas pelos professores em diferentes situações de ensino. As categorias selecionadas para o presente estudo, como representativas para a dimensão **relação professor-aluno**, foram as seguintes: **ânimo, censura e outros comportamentos**.

Foi possível verificar, durante as entrevistas, que os professores trazem consigo uma preocupação muito grande com o fator sociabilização e integração. Para exemplificar, o professor da Instituição “A”, relatou que o que lhe deixa mais gratificado em seu trabalho, é a relação de amizade que tem com seus alunos.

No tocante à **relação professor-aluno**, sabemos que todas as palavras de apoio, incentivo, estímulos e elogios promovidos pelo professor motivam seus alunos e, de alguma forma, os encorajam a vencer os obstáculos da própria aprendizagem.

SAWREY e TELFORD (1966), entendem que a aprendizagem não é uma função exclusivamente intelectual. Os fatores afetivo-emocionais desempenham um papel importante sob este aspecto. Exercícios não adequados às capacidades dos alunos podem produzir, e certamente produzirão, tensões emocionais perturbadoras, fazendo-os sentirem-se revoltados, demonstrando isso por meio de manifestações de repúdio à atividade e até mesmo aos professores em particular.

Para JERSILD (1977), a criança torna-se ligada à pessoas ou coisas em virtude da satisfação que estas lhes proporcionam e do papel que desempenham no atendimento de suas necessidades elementares.

Na tabela 6, abaixo, apresentamos a distribuição das intervenções dos professores em suas aulas, nas subdimensões de **ânimo, censura e outros comportamentos**.

TABELA 6. DADOS GERAIS NA CATEGORIA “INTERAÇÃO PROFESSOR-ALUNOS”					
Total					
Subdimensão	A	B	C	Frec.	%

Ânimo	34.2%	61.1%	26.7%	157	43.1%
Censura	42.1%	37.6%	70.2%	183	50.3%
Outros Comp.	23.7%	1.3%	3.1%	24	6.6%
% Total	100%	100%	100%
Total intervenções	76	157	131	364	100%

As freqüências observadas acima, nos revelam um aspecto interessante para nossa análise. Podemos observar que a Instituição “A” apresentou uma maior freqüência de intervenções de **censura** em relação aos seus outros dois indicadores, mesmo sendo a única instituição que se mostrou com alguma tendência a um modelo mais aberto de ensino e a que menos intervenções realizou no geral, na categoria **relação professor-aluno**. Por outro lado, foi possível observar que somente o professor desta instituição manteve equilíbrio entre seus indicadores ao mesmo tempo em que se sobressaiu no item **outros componentes** com relação às demais instituições. Acreditamos que a incidência apresentada no indicador **censura** deve-se a sua postura de maior liberdade já evidenciada em análises anteriores, que por sua vez ainda não é absorvida de forma madura por parte dos alunos. Deste modo, sua conduta fazia com que ele criasse mecanismos de censura quando as crianças perturbavam o bom andamento da aula. Este professor também, apresentou um grande sentido de participação em aula, seja falando de forma continuada, seja participando das atividades junto com os alunos. Caracterizou-se por mover-se sem parar por todos os pontos da quadra, aproximando-se dos seus alunos, onde constituía-se como um maior estímulo para participação de todos.

É interessante observar que o professor da Instituição “B”, mesmo muito preocupado com os conteúdos técnico-táticos e com uma

postura pedagógica voltada para o desporto de competição, foi o único dos professores que apresentou uma frequência superior de **ânimo** com relação às outras subdimensões. Este professor, durante as atividades propostas e no jogo, sempre condicionou as movimentações das crianças, porém procurou motivá-las através de expressões de incentivo e apoio.

Discorrendo ainda na dimensão **interação professor-aluno**, segundo nossas observações, o professor da Instituição “C” apresentou uma frequência elevada na subdimensão **censura**. Manteve um grau elevado de exigência relacionado à execução da técnica e ao comportamento de seus alunos.

Desta forma, os dados apresentados em nosso estudo, nas três instituições, levam-nos a refletir no sentido de que não existe uma correlação entre o modelo de ensino adotado pelo professor e sua relação afetiva com os alunos, no que diz respeito a elogios, estímulos e ajuda de ordem não técnica.

Dentro da categoria **ânimo**, foi possível constatar uma clara diferença entre as intervenções de reforço durante a execução dos alunos (preocupação técnica) e as intervenções que tinham um maior caráter de apoio e colaboração (preocupação com o indivíduo).

A tabela 7, com os registros das observações feitas nas aulas das três instituições, nos mostra a porcentagem de interrupções referentes a cada indicador.

<p>TABELA 7. PORCENTAGEM DE INTERVENÇÕES DO PROFESSOR NA CATEGORIA “ÂNIMO”</p>

Indicadores	A	B	C	Total	
				Frec.	%
Elogia a atuação dos alunos	73.1%	96.9%	94.3%	145	92.4%
Ajuda de ordem não técnica	26.9%	3.1%	5.7%	12	7.6%
% Total	100%	100%	100%
Total de Intervenções.	26	96	35	157	100%

No que diz respeito a categoria **censura**, as intervenções relacionadas com as **críticas** foram mais utilizadas que os **castigos**.

Se pode observar, na tabela 8, as diferenças acentuadas em cada instituição.

TABELA 8. PORCENTAGEM DE INTERVENÇÕES DO PROFESSOR NA CATEGORIA “CENSURA”					
Indicadores	A	B	C	Total	
				Frec.	%
Crítica	96.9%	88.1%	95.5%	168	93.3%
Castigo	3.1%	11.9%	4.5%	12	6.7%
% Total	100%	100%	100%
Total de Intervenções.	32	59	89	180	100%

Observou-se neste estudo que, de uma forma geral, as **críticas** e os **castigos** são derivados, em sua grande maioria, do grau de exigência da técnica e, por algumas vezes, estão relacionados à questões de disciplina.

As **censuras**, geralmente, criam uma pressão muito grande sobre a criança, deixando-as inseguras, ansiosas e por vezes

desestimuladas, acelerando assim o processo de abandono precoce no esporte.

Para finalizar, o item **outros comportamentos** dos professores apresentou uma tendência geral de incidência maior em **observar silenciosamente** do que **ouvir atentamente** os alunos. Esta tendência ficou discrepante somente na Instituição “A”, sendo que a Instituição “B”, não obteve frequência no indicador **observa silenciosamente** e na Instituição “C”, os dois indicadores apresentaram a mesma incidência.

Os reforços tanto positivos como negativos foram marca registrada de suas práticas; os professores foram muito participativos e ativos em todo momento de aula. A tendência de uma posição mais neutra de observar e ouvir seus alunos pouco aconteceu.

As porcentagens de intervenções dos professores e seus indicadores, na categoria **outros comportamentos**, aparecem na tabela 9 que mostramos na continuação.

TABELA 9. PORCENTAGEM DE INTERVENÇÕES DO PROFESSOR NA CATEGORIA “OUTROS COMPORTAMENTOS”					
Indicadores	A	B	C	Total	
				Frec.	%
Observ. Silenciosamente	77.8%	0%	50%	16	66.7%
Escuta atentamente	22.2%	100%	50%	8	33.3%
% Total	100%	100%	100%
Total de Intervenções.	18	02	04	24	100%

Assim, depois de muitas leituras e da análise dos dados observados em nossa investida a campo, os resultados nos indicam que, nos programas de iniciação ao futsal observados, prevalece um **modelo de ensino tradicional**, no qual seus conteúdos e suas propostas pedagógicas privilegiam a **reprodução** e um modelo de desporto que definimos como **desporto-performance**. Esta concepção de ensino busca no aluno um atleta em potencial, sendo ele um mero objeto do treinamento.

6. CONCLUSÃO

Após concluídas as nossas investigações e análises sobre as Intervenções Pedagógicas em Programas de Iniciação ao Futsal, cremos dispor de dados significativamente importantes sobre a realidade educativa existente.

A combinação do suporte teórico que havia sido base de nosso estudo com os dados recolhidos e a experiência do próprio investigador no ensino e treinamento do futsal permite-nos a realização de inferências a respeito deste estudo. Assim sendo, acreditamos que toda pesquisa, em seu final, deverá responder a dois questionamentos básicos, eminentemente importantes: “Quais foram os resultados da pesquisa?” e “ De que forma este estudo pode contribuir para a evolução do conhecimento?”.

Sobre estes aspectos foi possível identificar que os requisitos acadêmicos, formação específica para o trato com crianças e com o futsal não foram critérios importantes para contratação destes professores; o que evidencia uma despreocupação pelo perfil desejado por parte das instituições. Verificamos também que, apesar dos professores expressarem sua vontade de não estar inseridos dentro de um modelo de desporto tradicional, suas práticas estão centradas na competição, na seletividade e em mecanismos didático-pedagógicos, onde o professor segue detendo o conhecimento de tudo o que vai ser realizado.

Também foi possível verificar que, nos Programas de Iniciação ao Futsal, prevalece uma metodologia diretiva, basicamente técnica, sem nenhum poder reflexivo e crítico por parte da criança. Portanto, podemos perceber mais uma vez a evidencia de um **modelo de ensino desportivo tradicional**.

A seguir, exporemos de forma mais simplificada, os dados e indícios que nos levam às conclusões feitas.

- Das três instituições, somente uma delas apresentou alguma tendência ao Ensino Transformador.
- Os professores mantinham uma atitude controladora em relação às atividades.
- As aulas foram estruturadas pelos professores, que por sua vez, sempre estabeleceram e condicionaram as tarefas a serem executadas.
- Os professores interferiram muitas vezes para explicar, corrigir, demonstrar e estabelecer normas.
- Tantos os **objetivos** como as **análises das aulas** foram indicadores praticamente inexplorados dentro da organização da aula.
- As atividades apresentaram alto grau de **ênfase nos detalhes técnicos**.
- Os indicadores do modelo de ensino ativo, mais aberto, como **formular questionamentos, participação das atividades juntamente com os alunos e delegar liderança** obtiveram baixa incidência.

- Apesar de se fazer presente em todas as aulas, o **jogo** apresentou sempre a mesma dinâmica, onde o professor escolhia as equipes, cinco para cada lado, definia as posições e, quando sobrava algum aluno, este ficava na reserva, aguardando o momento do professor realizar a alteração. Também é interessante ressaltar que o **jogo** obedecia às regras do desporto federado e era sensivelmente condicionado a medida em que o mesmo era narrado e controlado pelo professor.

- Os **exercícios físicos, técnicos e táticos** prevaleceram em detrimento das **atividades lúdicas e formas jogadas**.

- As intervenções de **censura** foram mais evidenciadas que as de **ânimo**.

- Não existiu uma correlação entre o modelo de ensino adotado pelo professor e sua relação afetivo e motivacional com os alunos.

Ao finalizar, é importante ressaltar que não tenho a pretensão estanque e ingênua de que os nossos achados poderão resolver todos os problemas que envolvem os Programas de Iniciação ao Futsal. Acredito, sim, que este estudo seja um marco inicial para que se busquem novas fórmulas frente aos enfoques atuais para que se possa, de alguma forma, despontar a preocupação com o contexto para educar.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANGUERA, M. T. Metodología de la observación en las ciências humana. Madrid: Cátedra.

APOLO, A. Manual Técnico Didático de Futsal. São Paulo: Scortecci, 1995.

BALBINOTTI, C. A. A. O Desporto de competição como um meio de educação: uma proposta metodológica construtivista aplicada ao treinamento de jovens tenistas. Revista Perfil. Porto Alegre, v.1, n.1, p.83-91, 1997.

BORDENAVE, J. D. PEREIRA, A. M.; Estratégias de Ensino-Aprendizagem. Petrópolis: Vozes, 1983.

BRAUNER, M. R. G. El Profesorado en Los Programas de Iniciación al Baloncesto: Análisis Empírico Y Propuesta Pedagógica. Barcelona: Univesitat de Barcelona, 1994.

CAPINUSSÚ, J. M. A. A necessidade da presença do professor de Ed. Física no trabalho das escolinhas. Revista Sprint. Rio de Janeiro, v.3, n.2, p.86-89, 1985.

CAVALCANTI, K. B. Esporte para todos: um discurso ideológico. São Paulo: Ibrasa, 1984.

CHAVES, R. S. O Treinamento, a Especialização e a Competição para Criança. Revista Sprint. Rio de Janeiro: v.3, n2, p.74-77, 1985.

CONSTANTINO, J. M. Espaço 1. v.1, n. 1, p.77-84, jan./jun. 1993.

- CORDEIRO, C. R.; ROCHEFORT, R. S. Iniciação x Especificação Esportiva: Uma Análise Situacional. Pelotas: ESEF, UFPEL, 1991.
- COSTA, A. S. Espaço v.1, n.1, p.37-46, jan./jun., 1993.
- DAIUTO, M. Basquetebol: metodologia do ensino. 4º ed. São Paulo: Editora Esporte-Educação, 1974.
- FERREIRA, J.; CAMARGO, RJ. Pedagogia da iniciação do atletismo. In: 2º Seminário Internacional de Educação Física. Memórias. Rio de Janeiro. Universidade Gama Filho, 1978.
- FERREIRA, V. L. C. Prática da Educação Física no 1º Grau: Modelo de Reprodução ou Transformação. São Paulo: IBRASA, 1984.
- FINGER, A. Considerações sobre la metodología de la enseñanza. Stadium. Buenos Aires, n.25, p. 44-45, 1971.
- FIGUEIRÊDO, V. A História do Futebol de Salão: origem, evolução e estatísticas. Fortaleza: IOCE, 1996.
- FUTEBOL. O desafio dos anos 90: Resumo dos relatos apresentados no Fórum. Porto Alegre: UFRGS, Pró-Reitoria de Extensão, 1991.
- GARCIA F. M.Y.; SANMARTIN, R. “La observación científica y la obtención de datos sociológicos. “In: GARCIA FERRANDO et all. Análisis de la realidad social. Madrid: Alianza, 1986, p. 95-122.
- GIUSTI, J. G. M. O desporto e a escola: uma proposta pedagógica para o ensino de futsal. Pelotas: UFPEL, 1995.
- GOOD, W.J.; HATT, P.K. Métodos de investigación social. México: Trillas, 1970.

- HARRIS, D.V. Los Factores Motivacionales que influyen en la participación en las actividades físicas. In: Porqué Practicamos Deportes? Barcelona: Jims, Cap.3, p. 37-60. 1976.
- INCARBONE, O. Iniciação esportiva. Revista Brasileira de Ciência e Movimento. 4 (03) 1990. p 98-103.
- JERSILD, A. T. Psicologia da Criança. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981.
- KUNZ, E. Tranformação Didático-Pedagógica do Esporte. Ijuí: Unijui 1994.
- LAPIERRE, A.; Aucouturier, B. A simbologia do movimento psicomotricidade e educação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.
- LIMA, T. Alta Competição: Desporto de Dimensão Humanas? Lisboa: Livros Horizonte, 1981.
- LIMA, T. A. Problemática da Aprendizagem dos Desportos. Revista Educação e Movimento. Moçambique, v.70, n.2, p. 7-14, 1970.
- LUCENA, R. Futsal e a Iniciação. Rio de Janeiro: Editora Sprint Ltda, 1994.
- LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. D. A. Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.
- LÜSCHEN, G.; WEIS, K. Sociologia del Deporte. Valladolid: Edición Española, Minón S.A. 1976.
- LYRA FILHO, J. Introdução à Sociologia dos Desportos. 3ª ed. Rio de Janeiro: Bloch/Bibliex, 1974.

- MAHEU, R. Desporto e Cultura. In: TUBINO, M.J.G. et alii. Homo Sportivus: Coleção Especial de Educação Física e Desportos. Rio de Janeiro: Palestra Edições, 1985. V. 3, p. 15-24.
- MOLINA NETO, V. Esporte na Escola: Contradições e Alternativas. Porto Alegre: PUC, 1991.
- MUTTI, D. Futsal: arte e segredos-futsal base. São Paulo: Hemus, 1994.
- NAGI, P. Handebol. Rio de Janeiro: Palestra Edições Esportivas, 1983.
- ROCHFORT, R. S. Análise das Variáveis que Interferem na Prática Continuada das Crianças no Voleibol. Santa Maria: 1985. (Dissertação de Mestrado).
- SAWREY, J. M.; TELEFORD, C. W. Psicologia Educacional. Rio de Janeiro: Interamericana, 1966
- SHIGUNOV, V.; PEREIRA, V. R. Pedagogia da Ed. Física: O Desporto Coletivo na Escola: Os componentes afetivos. São Paulo: IBRASA, 1993.
- TANI, Go. et alii. Educação Física na Pré-Escola e nas Quatro Primeiras Séries do Ensino de Primeiro Grau: Uma abordagem Desenvolvimentista. São Paulo: E.P.U., 1998.
- TEIXEIRA JÚNIOR, J. Futsal 2000: O Esporte do novo Milênio. Porto Alegre: Gráfica, 1996.
- TELEMA, R. Consideraciones socioeducativas del deporte: aspectos pedagógicos del deporte para la juventud. Dirección Deportiva. v. 28, p.26, 1986.

TEODODORESCU, L. Problemas de Teoria e Metodologia nos Jogos Desportivos. Lisboa: Livros Horizonte, 1984.

TRIVIÑOS, A. Introdução à pesquisa em ciências sociais. São Paulo: Atlas, 1987.

VIEIRA, C. Curso para Treinadores de Futebol de Salão. Apostila (C.B.F.S.) Ceará, Promovi, 1987.

ZILLES, A. Curso: Técnicas e Táticas de Futebol de Salão. Porto Alegre: Associação dos Especializados em Educação Física e Desportos do Rio Grande do Sul, 1987.

8. ANEXOS

ANEXO 1: ROTEIRO DAS ENTREVISTAS

Considerações importantes para a realização:

- **APRESENTAÇÃO:** parte do princípio de que o entrevistador e o entrevistado estão aptos a realizar a troca de informações proposta. A seguir, revelamos ao entrevistado os fins e objetivos da investigação.

Motivos

O porque desta investigação. Por que haver selecionado este entrevistado?

Objeto

Tipo de tema a ser explorado.

- Garantir o anonimato do entrevistado.
- Solicitar permissão para gravar entrevista.

AGRADECIMENTO

ANEXO 2 - GUIA DA ENTREVISTA

1. Aspectos Gerais

Dados Pessoais:

Idade, sexo, nível de escolaridade, tempo de experiência profissional, tempo de experiência desportiva, tempo de experiência em programas de iniciação ao futsal, outras atividades, atividade principal e forma como ingressou na instituição.

Contexto:

- Condições estruturais e materiais para a organização das atividades:
- O quê falta para você poder realizar um PIF em ótimas condições?

2. Aspectos Ideológicos

- Processo de iniciação desportiva dentro do PIF.
- Influência do desporto de competição nos PIF.
- Aspectos educativos do futsal.
- Conteúdos desenvolvidos no seu PIF.
- Objetivos a alcançar num PIF.
- Situações que deixam você mais gratificado no processo educativo.
- Sua relação com os alunos.
- Tipo de contato com os pais. A importância.

ANEXO 3 - ENTREVISTA N.º 1

INSTITUIÇÃO: ASSOCIAÇÃO DESPORTIVA “A”

PROFESSOR: “A”

DATA: 30/07/97 - 11:00 min

Dados Pessoais: idade 27 anos; sexo masculino; nível de escolaridade 3º grau incompleto, 8º. semestre do curso de Ed. Física.

P- Começamos, falando um pouco da tua história desportiva e do teu início como monitor de um programa de iniciação

R- Nesta instituição, trabalho há 03 anos. Antes, tive uma escolinha em sociedade com meu irmão, trabalhamos 02 anos juntos. Totalizando, então, 05 anos de experiência em PIF. Na Ed. Física, desenvolvi trabalhos em diversas áreas: pré-escola, terceira idade, meninos de rua, programas de recreação. Só não trabalhei com deficientes.

P- Foi atleta?, O que praticava?

R- Tive somente uma experiência pequena nas escolinhas de futebol do Grêmio.

P- Quais os cursos realizados na área?

R- 1 Circuito Cone Sul no Colégio Bom Conselho sobre Futsal, Curso de Atualização ao Futsal, Curso de Treinadores de Futsal e Curso de Arbitragem em Futsal.

P- Qual a tua atividade principal?

R- Hoje, sem dúvida nenhuma, é a escolinha. Num segundo plano, as duas escolas em que trabalho como professor de Ed. Física.

P- Como foi o teu ingresso nesta instituição?

R- O coordenador do curso de Ed. Física da faculdade me convidou para trabalhar porque sabia que eu tinha uma boa experiência na área e também era aluno do curso. Era um programa que possibilitava a vivência para o aluno de Ed. Física. Quando iniciei, foi bem difícil, pois só tinha 02 alunos e não era remunerado. Com o tempo, o programa foi se estruturando e passou a ser remunerado.

P- Fale um pouco das condições estruturais e materiais para organização das atividades nesta instituição:

R- Quanto a estrutura e o material não temos problema algum. Dispomos de tudo que é necessário para desenvolver um bom trabalho: temos bola, cones, jalecos, 02 ginásios cobertos, quadras externas, salas com vídeo; toda uma estrutura já vinda do curso de Ed. Física desta instituição.

P- O que falta para você poder realizar um PIF em ótimas condições?

R- Como já havia falado anteriormente, quanto aos recursos físicos e materiais não temos problemas. A principal dificuldade é o difícil acesso para os alunos chegarem à instituição. É longe. Seria bom também poder contar com um auxiliar para me ajudar a desenvolver o meu trabalho. A turma tem muitos alunos e, na maioria das vezes, os alunos do horário posterior chegam cedo e já querem pegar a bola e entrar na quadra. Este auxiliar poderia recepcioná-los e fazer a chamada.

P - Como encaras a iniciação desportiva dentro do PIF?

R- Bem, para mim, a iniciação se dá da seguinte forma: o futsal, no meu entender é apenas um pano de fundo, porque estou preocupado mesmo é com o desenvolvimento da criança como um todo

e não em ficar preso ao ensino dos fundamentos técnicos, cobrando uma execução correta.

P- Há influência do desporto de competição nos PIF?

R- Dentro da minha proposta de trabalho não há influência, pois o objetivo da escolinha não é a competição, nem tão pouco a formação de atletas. Isso eu já friso para todos desde o início. Mas, com certeza, as equipas adultas de competição influenciam as crianças. Elas criam aquela expectativa de poder ser aquele atleta famoso algum dia. Isto aumenta o gosto delas pela competição. As equipas adultas atraem mais crianças para escolinha.

P- E os pais? Como encaram a competição?

R- No princípio, tive um pouco de dificuldade com os pais, pois a alguns queriam que seus filhos participassem de competições, inclusive as federadas. Com o tempo, foram compreendendo que não era este o objetivo da escolinha e aceitaram. Por outro lado, realizamos jogos de intercâmbio com sucesso.

P- Como acontece então os jogos de intercâmbio e suas premiações, se é que existem?

R- Procuramos realizar jogos amistosos e torneios de intercâmbio com aquelas escolinhas que têm objetivos em comum. Premiamos todas as crianças pela participação e não pela colocação, ainda que todos saibam que existiu um vencedor.

P- Comente um pouco a respeito dos aspectos educativos do futsal:

R- No meu entender, o processo educativo se dá durante o transcorrer de toda a aula e até mesmo antes de iniciar a aula. O tempo

de espera para entrar na quadra, o modo como eles aguardam a chamada etc. Já temos uma rotina: iniciam com alongamento, durante o jogo respeitam as regras, não abandonam a quadra para ir ao banheiro ou conversar com outra pessoa; a menos que falem com o professor. Estimulo também o respeito à individualidade de cada um. Geralmente, aqueles que se sobressaem não têm paciência com os que têm dificuldades. Neste momento, saliento a importância que a cooperação tem para o bom andamento da aula. Quando enfrento algum problema maior, fazemos uma reunião para discussão e solução no final da aula.

P- Quais os conteúdos básicos que desenvolves no teu PIF?

R- Bom, com relação aos conteúdos, procuro trabalhar todos os fundamentos do futsal, mas sempre de maneira recreativa, sem exigir aquela performance correta do aluno. No início do meu trabalho, as crianças achavam bobagem, dizendo que “só queriam jogar e deu”. Já dentro do próprio jogo, desenvolvo alguma coisa tática, de forma bem globalizada. Porém, quando elas não compreendem, procuro parcializar para facilitar.

P- Quais os objetivos básicos a serem alcançados em teu programa?

R- Quanto aos objetivos, como já tinha te falado, não estimulo a competição, mas sim a sociabilização, integração, o respeito mútuo. O futsal é, para mim, um meio que possibilita trabalhar a criança como um todo.

P- Quais as situações que te deixam mais gratificado no processo educativo?

R- O que mais me deixa gratificado é a relação que eu tenho com os alunos, antes de ser professor procuro ser um amigo. A maioria dos alunos não me chama de professor, só pelo nome. Como tudo, tem seus dois lados. Muitas vezes me consideram como colega deles e isto dificulta um pouco o andamento da aula. Nestes momentos, o professor entra em ação.

P- Se a tua relação com os alunos dificulta o bom andamento da aula em alguns momentos, como é que ainda assim tu te sentes gratificado?

R- Me gratifico porque, quando as coisas ficam demais, eu falo, eles me ouvem e param de imediato. Se colocam no lugar deles.

P- E o teu contato com os pais?

R- Tenho em torno de 55 alunos e a participação dos pais é muito pequena. Nosso contato geralmente acontece quando alguns pais levam seus filhos aos treinos e lá ficam assistindo. Eles participam mais quando tem algum evento.

P- Como é o comportamento dos pais durante os eventos e como tu reages?

R- Não tenho tido muitos problemas com os pais da escolinha, acho que isto se deve a pouca participação dos pais durante os treinos. Deve ser por isso que eles não sentem liberdade para opinar, ir na rede etc. E a entrada no vestiário, nunca permiti.

P- Já fizeste alguma reunião com os pais?

R- Não. Nunca tive a oportunidade de fazer uma reunião. Uma ou duas vezes falei com os pais que são mais interessados, geralmente aqueles que vão aos treinos. Acho que é uma coisa que deveria ser feita.

Eu tenho uma idéia, a criança tem o lado da competição e eu não sei o que os pais pensam. Se fizéssemos uma reunião, mostrando ao que me proponho, quais são os meus objetivos, poderia ter a ajuda dos pais.

P- Já teve algum problema com os pais?

R- Não. Somente um pai que reclamou que seu filho ficou doente porque fizemos alguns treinamentos na rua por necessidade de espaço, em tempo frio.

**ANEXO 4 - FICHAS DE OBSERVAÇÃO COM OS DADOS
DEFINITIVOS DE CADA AULA DAS INSTITUIÇÕES**

Ficha da Instituição "A" - 1º observação

DISTRIBUIÇÃO DE CATEGORIAS E SUBCATEGORIAS PARA A AVALIAÇÃO		DATA: 02/06/97	
INSTITUIÇÃO: A		FREQ.:	
CATEGORIAS E SUBCATEGORIAS			
ASPECTOS RELACIONADOS COM A TAREFA	100. Organização	101. Apresenta objetivos	01
		102. Estabelece condições	31
		103. Utiliza demonstração	00
		104. Interrupções à turma	18
		105. Espaço para análise das tarefas	02
		Total Parcial	52
	200. Formas de Ensino	201. Ênfase nos detalhes técnicos e táticos	17
		202. Formula questionamento sobre a atividade	00
		203. Participa junto com os alunos nas atividades	03
		204. Delega liderança. Compartilha a direção com os alunos	00
		Total Parcial	20
	300. Conteúdo	301. Exercícios físicos, técnicos, táticos	02
		302. O jogo propriamente dito	01
		303. Atividades lúdicas, específicas e não específicas ao futsal	02
		Total Parcial	05
FORMA DE DIRIGIR-SE AOS ALUNOS	400. Ânimo	401. Elogia a atuação dos alunos	05
		402. Ajuda de ordem não técnica	04
		Total Parcial	09
	500. Censura	501. Crítica a execução ou aspectos de conduta	15
		502. Utiliza castigo ou penalização	01
		Total Parcial	16
	600. Outros comportamentos	601. Observa silenciosamente sem intervir	14
		602. Escuta atentamente os alunos	03
		Total Parcial	17
TOTAL			119

Ficha da Instituição "A" - 2ª observação

DISTRIBUIÇÃO DE CATEGORIAS E SUBCATEGORIAS PARA A AVALIAÇÃO		DATA:	
INSTITUIÇÃO: A		09/09/97	
CATEGORIAS E SUBCATEGORIAS		FREQ.	
ASPECTOS RELACIONADOS COM A TAREFA	100. Organização	101. Apresenta objetivos	00
		102. Estabelece condições	34
		103. Utiliza demonstração	01
		104. Interrupções à turma	22
		105. Espaço para análise das tarefas	03
		Total Parcial	60
	200. Formas de Ensino	201. Ênfase nos detalhes técnicos e táticos	35
		202. Formula questionamento sobre a atividade	02
		203. Participa junto com os alunos nas atividades	03
		204. Delega liderança. Compartilha a direção com os alunos	01
		Total Parcial	41
	300. Conteúdo	301. Exercícios físicos, técnicos, táticos	05
		302. O jogo propriamente dito	01
303. Atividades lúdicas, específicas e não específicas ao futsal		01	
Total Parcial		07	
FORMA DE DIRIGIR-SE AOS ALUNOS	400. Ânimo	401. Elogia a atuação dos alunos	14
		402. Ajuda de ordem não técnica	03
		Total Parcial	17
	500. Censura	501. Crítica a execução ou aspectos de conduta	16
		502. Utiliza castigo ou penalização	00
		Total Parcial	16
	600. Outros comportamentos	601. Observa silenciosamente sem intervir	00
		602. Escuta atentamente os alunos	01
		Total Parcial	01
TOTAL			142

Ficha da Instituição "A" da 1ª e 2ª Observação

DISTRIBUIÇÃO DE CATEGORIAS E SUBCATEGORIAS PARA A AVALIAÇÃO			
INSTITUIÇÃO: A			FREQ.
CATEGORIAS E SUBCATEGORIAS			:
ASPECTOS RELACIONADOS COM A TAREFA	100. Organização	101. Apresenta objetivos	01
		102. Estabelece condições	65
		103. Utiliza demonstração	01
		104. Interrupções à turma	40
		105. Espaço para análise das tarefas	05
		Total Parcial	112
	200. Formas de Ensino	201. Ênfase nos detalhes técnicos e táticos	52
		202. Formula questionamento sobre a atividade	02
		203. Participa junto com os alunos nas atividades	06
		204. Delega liderança. Compartilha a direção com os alunos	01
		Total Parcial	61
	300. Conteúdo	301. Exercícios físicos, técnicos, táticos	07
		302. O jogo propriamente dito	02
		303. Atividades lúdicas, específicas e não específicas ao futsal	03
		Total Parcial	12
FORMA DE DIRIGIR-SE AOS ALUNOS	400. Ânimo	401. Elogia a atuação dos alunos	19
		402. Ajuda de ordem não técnica	07
		Total Parcial	26
	500. Censura	501. Crítica a execução ou aspectos de conduta	31
		502. Utiliza castigo ou penalização	01
		Total Parcial	32
	600. Outros comportamentos	601. Observa silenciosamente sem intervir	14
		602. Escuta atentamente os alunos	04
		Total Parcial	18
TOTAL			261

Ficha da Instituição "B" - 1ª observação

DISTRIBUIÇÃO DE CATEGORIAS E SUBCATEGORIAS PARA A AVALIAÇÃO			
INSTITUIÇÃO: B		DATA: 05/02/98	
CATEGORIAS E SUBCATEGORIAS		FREQ.:	
ASPECTOS RELACIONADOS COM A TAREFA	100. Organização	101. Apresenta objetivos	01
		102. Estabelece condições	46
		103. Utiliza demonstração	02
		104. Interrupções à turma	13
		105. Espaço para análise das tarefas	05
		Total Parcial	67
	200. Formas de Ensino	201. Ênfase nos detalhes técnicos e táticos	70
		202. Formula questionamento sobre a atividade	00
		203. Participa junto com os alunos nas atividades	04
		204. Delega liderança. Compartilha a direção com os alunos	01
		Total Parcial	75
	300. Conteúdo	301. Exercícios físicos, técnicos, táticos	04
		302. O jogo propriamente dito	01
		303. Atividades lúdicas, específicas e não específicas ao futsal	00
		Total Parcial	05
FORMA DE DIRIGIR-SE AOS ALUNOS	400. Ânimo	401. Elogia a atuação dos alunos	44
		402. Ajuda de ordem não técnica	01
		Total Parcial	45
	500. Censura	501. Critica a execução ou aspectos de conduta	29
		502. Utiliza castigo ou penalização	00
		Total Parcial	29
	600. Outros comportamentos	601. Observa silenciosamente sem intervir	00
		602. Escuta atentamente os alunos	01
		Total Parcial	01
		TOTAL	222

Ficha da Instituição "B" - 2º observação

DISTRIBUIÇÃO DE CATEGORIAS E SUBCATEGORIAS PARA A AVALIAÇÃO			
INSTITUIÇÃO: B		DATA: 10/02/98	
CATEGORIAS E SUBCATEGORIAS			FREQ.:
ASPECTOS RELACIONADOS COM A TAREFA	100. Organização	101. Apresenta objetivos	02
		102. Estabelece condições	50
		103. Utiliza demonstração	05
		104. Interrupções à turma	12
		105. Espaço para análise das tarefas	01
		Total Parcial	70
	200. Formas de Ensino	201. Ênfase nos detalhes técnicos e táticos	43
		202. Formula questionamento sobre a atividade	00
		203. Participa junto com os alunos nas atividades	01
		204. Delega liderança. Compartilha a direção com os alunos	00
		Total Parcial	44
	300. Conteúdo	301. Exercícios físicos, técnicos, táticos	03
		302. O jogo propriamente dito	01
		303. Atividades lúdicas, específicas e não específicas ao futsal	00
Total Parcial		04	
FORMA DE DIRIGIR-SE AOS ALUNOS	400. Ânimo	401. Elogia a atuação dos alunos	49
		402. Ajuda de ordem não técnica	02
		Total Parcial	51
	500. Censura	501. Critica a execução ou aspectos de conduta	23
		502. Utiliza castigo ou penalização	07
		Total Parcial	30
	600. Outros comportamentos	601. Observa silenciosamente sem intervir	00
		602. Escuta atentamente os alunos	01
		Total Parcial	01
TOTAL			200

Ficha da Instituição "B" da 1ª e 2ª observação

TOTAL DA DUAS OBSERVAÇÕES REALIZADAS			
INSTITUIÇÃO: B			
CATEGORIAE SUBCATEGORIAS			FREQ.:
ASPECTOS RELACIONADOS COM A TAREFA	100. Organização	101. Apresenta objetivos	03
		102. Estabelece condições	96
		103. Utiliza demonstração	07
		104. Interrupções à turma	25
		105. Espaço para análise das tarefas	06
		Total Parcial	137
	200. Formas de Ensino	201. Ênfase nos detalhes técnicos e táticos	113
		202. Formula questionamento sobre a atividade	00
		203. Participa junto com os alunos nas atividades	05
		204. Delega liderança. Compartilha a direção com os alunos	01
		Total Parcial	119
	300. Conteúdo	301. Exercícios físicos, técnicos, táticos	07
		302. O jogo propriamente dito	02
		303. Atividades lúdicas, específicas e não específicas ao futsal	00
		Total Parcial	09
FORMA DE DIRIGIR-SE AOS ALUNOS	400. Ânimo	401. Elogia a atuação dos alunos	93
		402. Ajuda de ordem não técnica	03
		Total Parcial	96
	500. Censura	501. Critica a execução ou aspectos de conduta	52
		502. Utiliza castigo ou penalização	07
		Total Parcial	59
	600. Outros comportamentos	601. Observa silenciosamente sem intervir	00
		602. Escuta atentamente os alunos	02
		Total Parcial	02
	TOTAL		

Ficha da Instituição C - 1ª observação

TOTAL DA DUAS OBSERVAÇÕES REALIZADAS			
INSTITUIÇÃO: C		DATA: 16/02/98	
CATEGORIASE SUBCATEGORIAS		FREQ.:	
ASPECTOS RELACIONADOS COM A TAREFA	100. Organização	101. Apresenta objetivos	00
		102. Estabelece condições	50
		103. Utiliza demonstração	07
		104. Interrupções à turma	21
		105. Espaço para análise das tarefas	01
		Total Parcial	79
	200. Formas de Ensino	201. Ênfase nos detalhes técnicos e táticos	44
		202. Formula questionamento sobre a atividade	02
		203. Participa junto com os alunos nas atividades	00
		204. Delega liderança. Compartilha a direção com os alunos	00
		Total Parcial	46
	300. Conteúdo	301. Exercícios físicos, técnicos, táticos	13
		302. O jogo propriamente dito	01
		303. Atividades lúdicas, específicas e não específicas ao futsal	00
		Total Parcial	14
FORMA DE DIRIGIR-SE AOS ALUNOS	400. Ânimo	401. Elogia a atuação dos alunos	15
		402. Ajuda de ordem não técnica	02
		Total Parcial	17
	500. Censura	501. Critica a execução ou aspectos de conduta	41
		502. Utiliza castigo ou penalização	04
		Total Parcial	45
	600. Outros comportamentos	601. Observa silenciosamente sem intervir	02
		602. Escuta atentamente os alunos	02
		Total Parcial	04
			TOTAL

Ficha da Instituição "C" - 2ª observação

DISTRIBUIÇÃO DE CATEGORIAS E SUBCATEGORIAS PARA A AVALIAÇÃO			
INSTITUIÇÃO: C		DATA: 03/03/98	
CATEGORIAS E SUBCATEGORIAS		FREQ.:	
ASPECTOS RELACIONADOS COM A TAREFA	100. Organização	101. Apresenta objetivos	02
		102. Estabelece condições	79
		103. Utiliza demonstração	00
		104. Interrupções à turma	23
		105. Espaço para análise das tarefas	00
		Total Parcial	104
	200. Formas de Ensino	201. Ênfase nos detalhes técnicos e táticos	31
		202. Formula questionamento sobre a atividade	00
		203. Participa junto com os alunos nas atividades	00
		204. Delega liderança. Compartilha a direção com os alunos	00
		Total Parcial	31
	300. Conteúdo	301. Exercícios físicos, técnicos, táticos	06
		302. O jogo propriamente dito	01
		303. Atividades lúdicas, específicas e não específicas ao futsal	00
		Total Parcial	07
FORMA DE DIRIGIR-SE AOS ALUNOS	400. Ânimo	401. Elogia a atuação dos alunos	18
		402. Ajuda de ordem não técnica	00
		Total Parcial	18
	500. Censura	501. Critica a execução ou aspectos de conduta	44
		502. Utiliza castigo ou penalização	00
		Total Parcial	44
	600. Outros comportamentos	601. Observa silenciosamente sem intervir	00
		602. Escuta atentamente os alunos	00
		Total Parcial	00
			TOTAL

Ficha da Instituição "C" da 1ª e 2ª observação

TOTAL DAS DUAS OBSERVAÇÕES REALIZADAS			
INSTITUIÇÃO: C			
CATEGORIAE SUBCATEGORIAS			FREQ
ASPECTOS RELACIONADOS COM A TAREFA	100. Organização	101. Apresenta objetivos	02
		102. Estabelece condições	129
		103. Utiliza demonstração	07
		104. Interrupções à turma	44
		105. Espaço para análise das tarefas	01
		Total Parcial	183
	200. Formas de Ensino	201. Ênfase nos detalhes técnicos e táticos	75
		202. Formula questionamento sobre a atividade	02
		203. Participa junto com os alunos nas atividades	00
		204. Delega liderança. Compartilha a direção com os alunos	00
		Total Parcial	77
	300. Conteúdo	301. Exercícios físicos, técnicos, táticos	19
		302. O jogo propriamente dito	02
		303. Atividades lúdicas, específicas e não específicas ao futsal	00
		Total Parcial	21
FORMA DE DIRIGIR-SE AOS ALUNOS	400. Ânimo	401. Elogia a atuação dos alunos	33
		402. Ajuda de ordem não técnica	02
		Total Parcial	35
	500. Censura	501. Critica a execução ou aspectos de conduta	85
		502. Utiliza castigo ou penalização	04
		Total Parcial	92
	600. Outros comportamentos	601. Observa silenciosamente sem intervir	02
		602. Escuta atentamente os alunos	02
		Total Parcial	04
TOTAL			409

Ficha com dados definitivos de todas observações das Instituições A,B,C

TOTAL DAS DUAS OBSERVAÇÕES REALIZADAS NAS TRÊS INSTITUIÇÕES			
INSTITUIÇÃO: A,B,C			
CATEGORIAE SUBCATEGORIAS			FREQ
ASPECTOS RELACIONADOS COM A TAREFA	100. Organização	101. Apresenta objetivos	06
		102. Estabelece condições	290
		103. Utiliza demonstração	15
		104. Interrupções à turma	109
		105. Espaço para análise das tarefas	12
		Total Parcial	432
	200. Formas de Ensino	201. Ênfase nos detalhes técnicos e táticos	240
		202. Formula questionamento sobre a atividade	04
		203. Participa junto com os alunos nas atividades	011
		204. Delega liderança. Compartilha a direção com os alunos	02
		Total Parcial	257
	300. Conteúdo	301. Exercícios físicos, técnicos, táticos	33
		302. O jogo propriamente dito	06
		303. Atividades lúdicas, específicas e não específicas ao futsal	03
		Total Parcial	42
FORMA DE DIRIGIR-SE AOS ALUNOS	400. Ânimo	401. Elogia a atuação dos alunos	145
		402. Ajuda de ordem não técnica	12
		Total Parcial	157
	500. Censura	501. Critica a execução ou aspectos de conduta	168
		502. Utiliza castigo ou penalização	12
	Total Parcial	183	
	600. Outros comportamentos	601. Observa silenciosamente sem intervir	16
		602. Escuta atentamente os alunos	08
		Total Parcial	24
TOTAL			1092

TABELAS

TABELA A - DISTRIBUIÇÃO TOTAL DE INTERVENÇÕES

SEGUNDO AS CATEGORIAS NOS DOIS DIAS DE OBSERVAÇÃO

	A	B	C	TOTAL	%
Organização	112	137	183	432	39.6%
Formas de ensino	61	119	77	257	23.6%
Conteúdos	12	09	21	42	3.8%
Interação	76	157	131	361	33%
Total de Interv	261	422	412	1092	100%
Duração real das duas aulas	141'	112'	109'
Interv p.min	1.85	3.77	3.78

TABELA B - GESTÃO DA DURAÇÃO DE AULA DOS DOIS DIAS DE OBSERVAÇÃO

GESTÃO DA DURAÇÃO DE AULA DOS DOIS DIAS DE OBSERVAÇÃO						
	A		B		C	
Tempo previsto	90'	90'	60'	60'	60'	60'
Tempo real	75'	66'	55'	57'	54'	55'

TABELA C - MODELOS PARA REGISTRO DOS DADOS

INSTITUIÇÃO: TEMPO PREVISTO:		DATA: TEMPO REAL:
101		
102		
103		
104		
105		
201		
202		
203		
204		
301		
302		
303		
401		
402		
501		
502		
601		
602		
OBSERVAÇÃO LIVRE		